

A ESCOLA PRIMARIA

REVISTA MENSAL

Director:
ALFREDO C. DE F. ALVIM
 Superintendente de Educação Elementar
 REDACÇÃO: RUA SETE DE SETEMBRO, 174

ASSIGNATURAS:
 Para o Brasil } um anno.... 12\$000
 } 6 mezes..... 6\$000

SUMMARIO

—	Novos predios escolares	Maria do Carmo V. P. Neves	Escola Social
Anisio Teixeira	A autonomia dos systemas educacionais do Districto Federal e dos Estados e a selecção dos candidatos ao ensino secundario do Districto Federal.	Bastos de Avila... ..	Indices de nutrição
N. C.....	A previsão de matricula.	Pedro A. Pinto.....	Lingua Materna
Leonor Posada.....	Merecida homenagem (discurso)	Mestre Escola.....	Tres palavrinhas
Alba C. Nascimento.....	Casa para los maestros	Departamento de Educação do Districto Federal.....	Da matricula em geral e funcionamento das escolas
		Professores de Escola Padre Antonio Vieira	Pratica da Escola Nova

NOVOS PREDIOS ESCOLARES

E' incontestavelmente o dos predios escolares um dos problemas preponderantes na administração publica. A ESCOLA PRIMARIA honra-se de jamais ter deixado escapar oportunidade para bater na tecla da necessidade premente de se construirem predios adaptados aos fins da educação popular. Temos apoiado com os nossos applausos todas as tentativas, todas as iniciativas, nem sempre levadas a bom termo.

A actual administração municipal do Districto Federal tem indubitavelmente consagrado ao grande problema, talvez o melhor de seus esforços, no sentido de bem servir ao povo. Ainda agora se noticia que para o inicio proximo de anno lectivo mais dezenove predios escolares estarão concluidos.

São edificações de grande solidez, de aspecto architectonico agradabilissimo, linhas

sobrias e elegantes, e que offerecem, sem luxo, grande conforto e commodidade.

Ha edificios de tres typos, entre os que ora se terminam: o typo nuclear, com doze salas de aulas e capacidade para 960 alumnos em dois turnos; o segundo typo, em 16 salas e capacidade para 1.280 crianças, e o terceiro com 25 salas e capacidade para 2.000 alumnos.

Para esses novos edificios já se acha em grande parte preparado novo mobiliario.

E', pois, uma noticia auspiciosa e a administração do ensino merece mais uma vez os calorosos elogios dos que de perto acompanham tudo que se faz em beneficio da educação popular do município da capital da Republica. Assim lhe seja dado proseguir no seu programma e fructifique seu digno exemplo.

A autonomia dos sistemas educacionais do Districto Federal e dos Estados e a seleção dos candidatos ao ensino secundário do Districto Federal

Dous importantes officios dirigidos pelo Sr. Anisio Teixeira ao Sr. Nobrega da Cunha

«Districto Federal, 14 de Dezembro de 1934 — Exmo. Sr. Inspector Geral do Ensino Secundário do Ministerio da Educação:

1 — A competencia para regular a educação instituída pelas leis ordinarias, antes da Constituição, de 1934, era a seguinte:

a) Aos Estados competia regular a educação primaria.

A União tinha aqui uma ação puramente supletiva.

b) Aos Estados e á União competia, concomitantemente, regular o ensino tecnico.

c) A União competia, privativamente, regular o ensino secundário e superior.

Consequentemente, cada Estado (inclusive o Districto Federal) mantinha livremente o seu sistema de educação primaria e tecnica e a União estabelecia para todo o pais, um sistema unico de educação secundaria e superior.

Em síntese — *descentralização* para a educação primaria e tecnica profissional e *centralização* para a secundaria e superior.

2 — Na Constituinte de 1934 as desvantagens desse sistema de centralização, particularmente no que toca á educação secundaria, foram larga e veementemente debatidas.

A manutenção da Unidade educacional — idéa unanime no consenso dos constituintes, para alguns só poderia ser conseguida através de um sistema de ensino secundário e superior unico em todo o pais.

Para estes, a unidade de objetivos e uniformidade de sistemas, de aparelhos, de determinações e de formulas, se confundiam.

Outros distinguem entre unidade de objetivos, de principios, de aspirações e de ideais, a presidir toda a educação nacional e os aparelhos educacionais organizados para lograr aqueles desideratos, aparelhos estes que, necessariamente, terão que refletir as contingencias varias dos recursos, dos meios, dos interesses sociais e economicos das diversas regiões do pais.

Os que pensam assim, admitem que a unidade de diretrizes será obtida por órgãos flexiveis e respeitadores de formas e modos de ser de cada Estado e sobretudo mais ageis para atender á vida especificamente experimental e progressiva da escola, incompativel com tudo que se pareça com um aparelho uniforme, rigido ou de difficil mudança

3 — Inegavelmente a Constituição consa-

grou a segunda corrente, reservou á União a competencia para o plano nacional e deu aos Estados o poder de organizar os seus sistemas educacionais completos.

E' o que se vê nos artigos 150 e 151:

Art. 150 — Compete á União:

a) Fixar o plano nacional de educação, compreensivo do ensino de todos os graus e ramos, comuns e especializados, coordenar e fiscalizar a sua execução, em todo o territorio do pais.

Art. 151:

Compete aos Estados e ao Districto Federal organizar e manter sistemas educativos nos territorios respectivos, respeitadas as diretrizes estabelecidas pela União.

Plano e diretriz, como se vê, são palavras sinonimas nos dois artigos.

O que teremos, desse modo, é ao envés de um sistema unico e rigido de ensino secundário e superior para todo o Brasil, varios sistemas estaduais, organizados todos dentro de diretrizes *gerais* fixadas pela União, num plano de educação nacional.

4 — Essa, a regra geral que a Constituição traçou. Tanto assim é que a União aparece organizando sistema educacional onde não ha o *Estado* ou onde êle faltou ao seu dever.

Vejam os:

Art. 150 — Compete á União:

a)

b)

c) Organizar e manter, nos Territorios, sistemas educativos apropriados aos mesmos.

d)

e) Exercer ação supletiva, onde se faça necessaria por deficiencia de iniciativa ou de recursos e estimular a obra educativa em todo o pais, por meio de estudos, inqueritos, demonstrações e subvenções.

No Districto Federal, onde a União já mantinha ha longos anos estabelecimentos de ensino secundário e superior, a Constituição lhe deu o poder de manter «ensino secundário e superior».

Manter ensino secundário e superior» e não «o ensino secundário e superior», restricções que a Constituição teve que fazer por isso que deu ao Districto Federal a atribuição de organizar e manter o seu sistema proprio.

E' o que se lê no art. 150, letra *d*:

letra *d*) Manter no Districto Federal ensino

secundário e complementar deste, superior e universitario.

5 — Fixada, assim, a regra geral traçada pela Constituição, merecem especial estudo, alguns dispositivos do mesmo capitulo.

Vejam os.

Art. 150 — Compete á União:

a) Fixar o plano nacional de educação, compreensivo do ensino de todos os graus e ramos, comuns e especializados; e *coordenar e fiscalizar a sua execução em todo o territorio do pais*.

b) Determinar as condições de reconhecimento official dos estabelecimentos de ensino secundário e complementar deste e dos institutos de ensino superior, exercendo sobre eles a *necessaria fiscalização*.

Como se vê, os dois «itens» cogitam de fiscalização da União.

A repetição, que, á primeira vista, parece ociosa, nos encaminha, entretanto, para a unica interpretação que o caso comporta.

A regra traçada pela Constituição, como já estudamos, foi a de dar á União o plano nacional aos Estados e ao Districto Federal a sua execução, através de sistemas propios.

A União coordena e fiscaliza o cumprimento das suas diretrizes pelos Estados. Coordena e fiscaliza mas não pode estabelecer condições de reconhecimento, por isso que os estabelecimentos dos Estados e do Districto Federal pertencem, tambem pela Constituição, a sistemas estaduais aos quais vai competir o direito de trazer as suas condições de funcionamento.

Fóra disso, seria o absurdo de se dar ao Estado o poder de criar um aparelho, para o qual se traçam apenas as diretrizes amplas de um plano geral e depois se exigir que as peças, uma a uma, obedeçam a determinados detalhes.

Praticamente deixariam, assim, de existir sistemas estaduais, o que seria uma contradição destruidora da propria estrutura geral que a Constituição traçou para a educação nacional.

A União coordena e fiscaliza o cumprimento de suas directrizes pelos Estados. E' o que se infere do exame da letra *a* do art. 150, combinado com o art. 151.

6 — E o inciso da letra *b* do art. 150? Este só se pode referir aos estabelecimentos particulares existentes no pais, susceptiveis numa fase gradativa de sua organização, de terem as suas condições de reconhecimento determinadas pelo Governo Federal.

Explica-se assim a repetição em dois incisos seguidos da atribuição da União de *fiscalizar* — no primeiro (letra *a*), a execução do plano, pelos Estados em todo o pais; no segundo (letra *b*), os estabelecimentos particulares devidamente reconhecidos.

7 — Não foi ainda votada a lei ordinaria que deverá regular o plano nacional de edu-

cação, dentro do qual os Estados e o Districto Federal irão organizar os seus sistemas educacionais completos.

Todavia, qualquer que ela seja, terá que reconhecer a realidade que levou a Constituição a consagrar a descentralização do ensino.

Ensino espalhado por tão extenso pais, dirigido ou dependente de um órgão central no Rio de Janeiro, é solução que amesquinha as possibilidades de sua expansão e crescimento.

Ora, essa descentralização assim consagrada como regra constitucional, ao lado do dispositivo que já estudamos, que dá á União o poder de coordenar e fiscalizar a execução pelos Estados e pelo Districto Federal *das diretrizes que ela traçar*, se choca com a idéa de uma fiscalização federal direta, em cada estabelecimento municipal, inevitavelmente centralizadora.

Apresentamos essas considerações, para que se estabeleça a interpretação definitiva da lei, nos casos das escolas secundarias deste Departamento, cuja adaptação ás leis federais do ensino deve prescindir, em face da Constituição, de qualquer fiscalização direta pelo Governo Federal.

Apresento-vos attenciosas saudações. — *Anisio Spinola Teixeira*, Diretor Geral».

Seleção de candidatos ao ensino secundário do Districto Federal

«Districto Federal, 28 de Janeiro de 1935. — Sr. Inspector Geral do Ensino Secundário.

— O Departamento de Educação do Districto Federal, no intuito de obter mais eficiencia e uniformidade dos exames de admissão ao ensino secundário, ministrado em estabelecimentos da Municipalidade, organizou o plano de executá-los em um só estabelecimento.

Para esse efeito, tomou as seguintes medidas:

a) Haverá uma unica inscrição para todos os candidatos.

b) Haverá um só exame para todos os candidatos, os quais serão distribuidos pelas escolas pelas quais optarem, dentro dos limites de vagas de cada uma;

c) Esses exames obedecerão a *todas* as exigencias da legislação federal, que valerão como exigencias *minimas* e que a legislação municipal e o sistema educacional da Prefeitura venham a reclamar, além das determinações da legislação federal.

Com uma só inscrição e um só exame em um mesmo estabelecimento pretende o Departamento de Educação obter uniformidade de processos e de criterio, no julgamento dos candidatos. Esse desiderato será mais facilmente logrado com a medida em questão, por isso que poderão ser, assim, dadas aos alunos, questões do mesmo nivel e oferecida ao julgamento das mesmas uma só orientação.

Ao lado disso, todos os problemas de fiscalização se facilitam, reunidos todos os examinandos em um mesmo predio, de salas e mobiliario padrão.

Com essa uniformidade de criterio, pretende o Departamento resolver ainda o problema especial de suas escolas, que é o seguinte:

O numero de vagas existentes nos estabelecimentos de ensino secundario da Prefeitura está muito á quem do numero de candidatos ás mesmas.

Duas unicas soluções podem resolver tal problema — ou a de aumento de professores e da capacidade do predio ou a da limitação da matricula.

Como a primeira solução é inviavel, por ausencia de recursos orçamentarios, resta-nos a segunda.

Mas a limitação dos que hajam de entrar, só se deve fazer através de um criterio seletivo que permita a escolha dos mais capazes. Ora, essa escolha se fará em melhores condições, estando todos os candidatos submetidos a uma só verificação e apuração.

Os processos de verificação de conhecimentos para admissão ao ensino secundario estão previstos na legislação federal. Eles serão religiosamente respeitados, dissemos atrás. Mas, vale salientar aqui que, quando a legislação federal reclama, implicitamente afirma que o pretendente a um curso secundario deve, *pelo menos*, saber aquillo que ali está.

Todavia, no caso vertente, por força do excesso de procura e do limite do numero de vagas, não se trata *apenas* de verificar os que sabem o minimo, mas dentre os que aprendem esse *minimo*, quais os melhores.

Dai a dupla exigencia dos *minimos* da legislação federal e de alguns outros processos tecnicos para classificação dos mais capazes, dentre os que atingem aquele limite.

A inclusão de alguns processos tecnicos para classificação de alunos, julgo não pôde ser considerado como infringente de disposições federais, por isso que elas não se chocam com o exigido pela legislação federal.

Não se trata, no caso, de determinações contraditorias, reciprocamente destruidoras, umas revogatorias de outras, mas de gráus de exigencias, pertencentes a um mesmo sistema de medidas.

Ambas pretendem medir o aproveitamento e a capacidade do aluno. Uma, em um gráu mais baixo da escala. Outra, em um gráu mais alto.

Exigindo-se o segundo, fica implicitamente respeitado o primeiro.

Esse criterio é, aliás, o adotado pelo Governo Federal com todos os estabelecimentos particulares e equiparados.

O Governo Federal exige que os candidatos a essas escolas cumpram os minimos expressos na sua lei. A essa exigencia, juntam os diretores de colegios, as suas, sem as quais,

os alunos não se poderão matricular, como sejam, em muitos casos, o pagamento de determinado estipendio mensal — em alguns outros, o pertencer o candidato a determinado meio social — ou outro ainda, o pertencer o aluno a determinado credo religioso ou pertencer o pai a uma certa classe de funcionarios. E assim por diante.

Ai estão criterios diferentes de seleção.

Este Departamento, ao invés de adotar qualquer um desses, o economico, o religioso, ou o de classe social ou funcional, prefere seguir o criterio seletivo de escolha dos mais capazes, o que está, aliás, dentro da letra e do espirito da Constituição Federal.

São essas as communicações que me julguei no dever de levar a Vossa Excelencia, antes de entrar na execução do atual plano de exames de admissão, constante do edital de que envio cópia anexa.

Apresento a Vossa Excelencia, nesta oportunidade, a segurança de alta estima e subida consideração. — *Anisio Spinola Teixeira*, Diretor Geral.

A previsão da matricula

O serviço de previsão de matricula que no anno passado começou a dar os melhores resultados, já está organizado para o anno lectivo que se vae iniciar.

Dos varios reajustamentos a que tem sido submettida a lei Fernando de Azevedo resalta sempre essa preocupação de organizar de modo uniforme determinados serviços, sob o aspecto geral o problema educativo.

As questões de matricula e frequencia, de programmas de ensino, de testes e escalas, de predios e aparelhamento foram evoluindo de organizações apressadas, desempenhadas por funcionarios, em comissão, obrigados a outros affazeres para installações definitivas, permanentes, com pessoal a ellas effectivamente dedicado.

Dahi resultou o carinho com que cada qual vae procurando tornar o seu trabalho mais efficiente, collaborando na grande obra de diffusão e aperfeiçoamento do ensino municipal planejada pelo brilhante espirito do dr. Anisio Teixeira.

Do que elle será, do que elle já é, nos

A Equitativa
Seguros de Vida
Avenida Rio Branco, 125

dá ligeira idéa o plano de previsão de matricula nas escolas diurnas, elevando a 123.160 o numero de alumnos que poderão ser aceitos nas escolas publicas e que ha meia duzia de annos era de pouco mais da metade nos mapas de frequencia média.

Tanto mais digno de registro é o facto quanto no anno corrente irão funcionar 226 escolas, em vez das 227 do anno passado, sendo tambem reduzidas aos dois turnos 25 escolas que no exercicio findo funcionaram com tres turnos.

Isso se explica: pela inauguração este anno dos novos predios escolares, construidos dentro do grande plano do benemerito interventor federal dr. Pedro Ernesto, que resolveu dotar o Rio de novas escolas e hospitaes.

A previsão reserva mais 49 turmas e 7.793 vagas á matricula no 1º anno, dando assim possibilidade de iniciarem a alfabetização a 44.600 crianças.

O ensino elementar vae assim se diffundindo rapidamente e em breve poderá ser tornado obrigatorio um curso fundamental de tres annos para todas as crianças de menos de 12 annos, ou melhor, obrigadas a cursar escolas dos 7 aos 9 annos todas as crianças que vivam no Districto Federal.

Poderá então a Prefeitura ampliar as

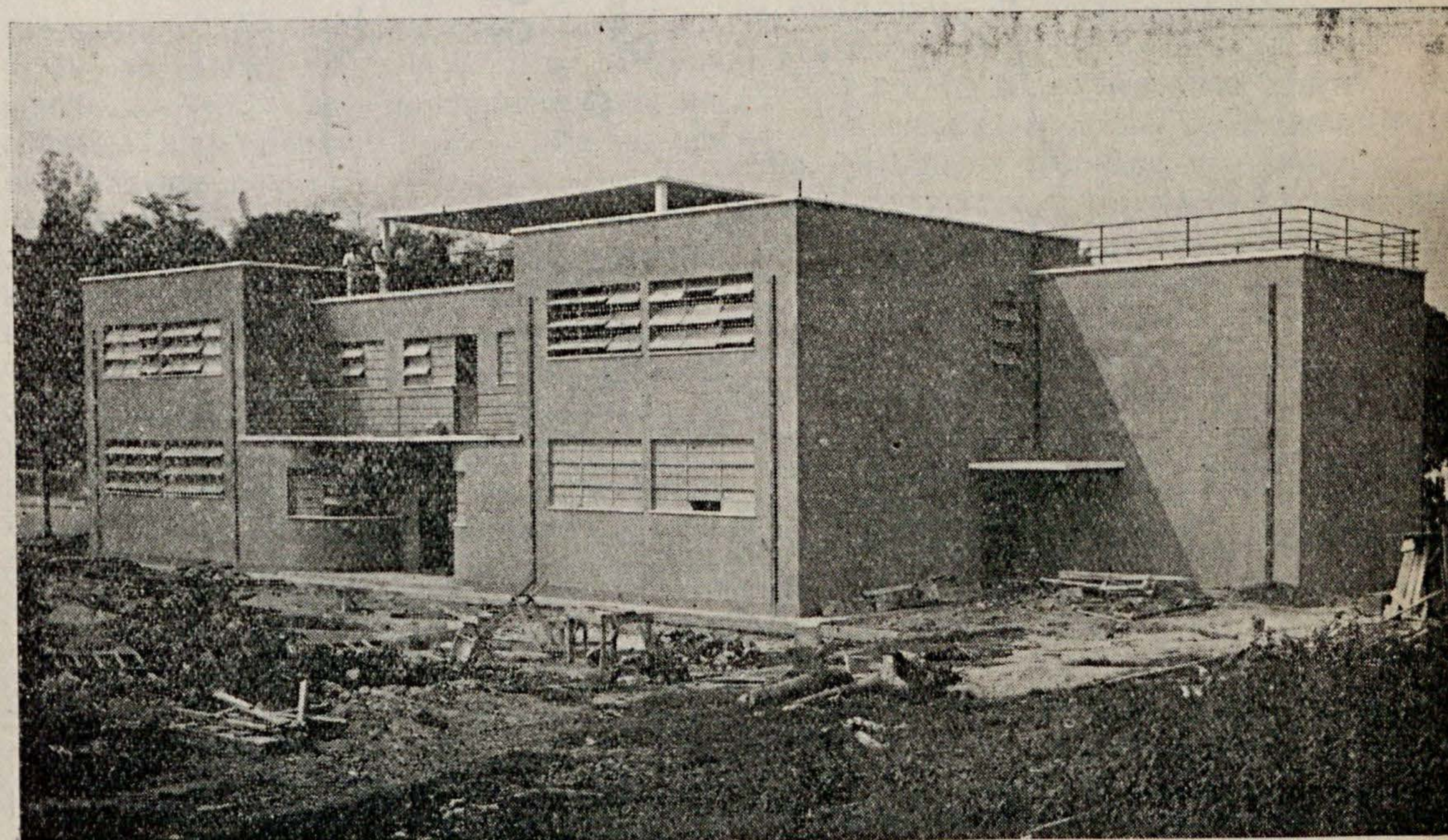
suas escolas de 4º e 5º anno primario e acrescentar lhes até um 6º anno, organizando assim um curso de admissão ás snas escolas tecnico-profissionais secundarias ou a um gymnasio municipal, que as necessidades da população carioca estão exigindo e cujo exemplo já foi dado pelas municipalidades de muitos Estados.

E' deveras auspicioso constatar que o Departamento de Educação vae pouco a pouco ampliando a sua acção, de modo que muito breve a nossa percentagem de analphabetos será reduzidissima.

Ella virá a ser mesmo nulia quando tambem fôr obrigatoria a frequencia dos maiores de 13 annos analphabetos aos cursos nocturnos mantidos pela Prefeitura gratuitamente e infelizmente sem os resultados que seria licito esperar por uma serie de razões que precisam ser estudadas.

De qualquer fórma o que ha de resaltar é o muito que já se faz e ora nos demonstra com os seus quadros de previsão de matricula a Divisão de Obrigatoriedade Escolar e Estatística do Instituto de Pesquisas Educativas do Departamento de Educação do Districto Federal.

N. C.



Edificio da Escola Venezuela com capacidade para mil alumnos em dois turnos

Merecida homenagem

(Discurso proferido pela professora Leonor Posada, na manifestação prestada pelo professorado da 3.ª Circunscrição ao Dr. Francisco Vianna.)

«Quando recebi a honrosa incumbência de vos dizer algumas palavras em nome do vossas jurisdicionadas da 3.ª Circunscrição elementar, confesso, senti-me sinceramente lisonjeada.

Eu, a mais humilde das parcelas dessa somma brilhante—que é o professorado da 3.ª Circunscrição—iria ter o grato ensejo de dizer ao illustre Superintendente alguma coisa da estima, da verdadeira admiração e, sobretudo, da profunda gratidão com que todas nós, como num halo, envolvemos seu nome e a sua pessoa.

Mas, essa emoção deliciosa de vaidade e de expansão, foi em pouco modificada.

Como e a quem falaria eu? Quaes as phrases de que me serviria para dizer-lhe tanto, quando sei que nos momentos precisos, a *inania verba* é um sello que se não póde romper?

Falaria eu ao pedagogo emerito, de larga cultura e tirocinio brilhante? Ao mestre sempre querido? Ao escriptor cuidadoso e fluente ou ao Amigo leal, de caracter illibado—aquelle a quem sempre procurámos para um conselho, uma orientação, um auxilio que não nos faltaram nunca?

Do Pedagogista, facil me seria percorrer as paginas ricas de experiencia das suas monographias e conferencias; do Mestre, bastava-me lembrar os ensinamentos ponderados e efficientes; do Escriptor, um rapido citar de sua bagagem literaria—verdadeiro leme para os professores e encanto para a petirzada; de tudo isso tiraria uma farta messeum cabedal de conceitos e apreciações e eu, fazendo justiça, teceria para mim mesma uma deliciosa rede de real satisfação.

Mas eu preferi falar ao Amigo.

A Equitativa
Leguro de Vida
Avenida Rio Branco, 125

Preferi deixar ao coração o direito de se fazer entender, mórmente quando elle representa como agora o palpar unisono de mais de uma centena de corações. E... eis-me aqui.

Disse alguém que as melhores palavras, num momento de emoção, são sempre aquellas que *nunca foram ditas* e Mættelrlnck, affirma que só o *silencio é creador e sincero*.

Eu deveria, por isso, calar-me. Meu silencio seria a mais eloquente das manifestações.

Mas eu preciso desempenhar-me da incumbência que me foi dada e, si o silencio é a criação da idéa, a palavra é o berço de ouro que a embala, a asa gentil que a empluma e transporta.

Dr. Vianna:

Quando soubemos da vossa designação para Superintendente Geral da Educação e Ensino Particular fomos dominadas por dois grandes sentimentos. O primeiro—de legitimo orgulho, orgulho duplamente satisfeito, vendo-vos galardoado pelo vosso valor incontestado, pela nunca medida sinceridade de vossos actos e, ainda por serdes vós o *nosso Superintendente!* O outro, de quasi saudade, na comprehensão de que o novo posto vos levaria da nossa Circunscrição, quando, ha bem poucas horas ainda, a vossa indicação, o vosso conselho, o vosso convívio, emfim, eram a razão unica do nosso estímulo e do nosso trabalho.

E, porque não o confessar agora?

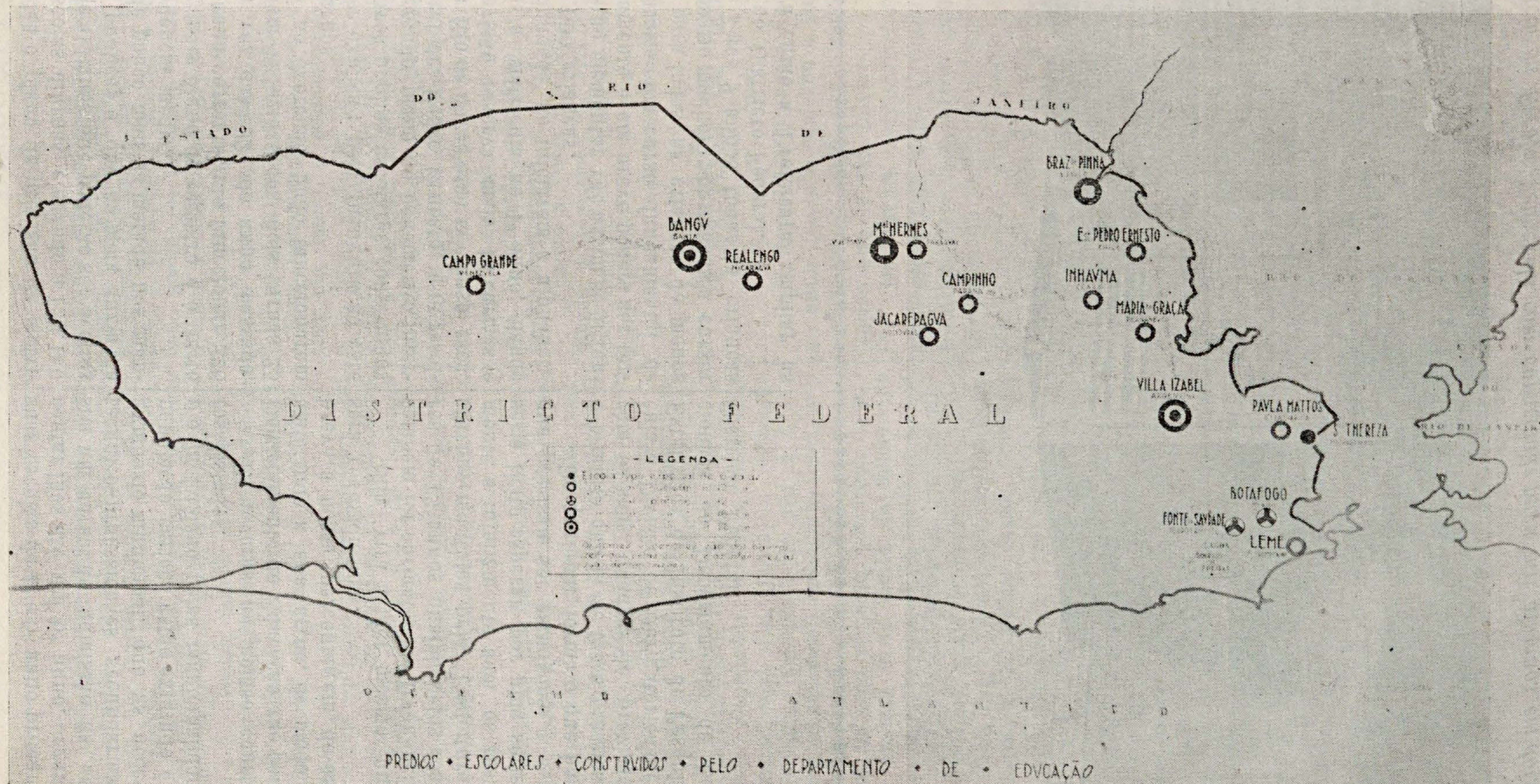
Vencidos esses primeiros instantes de jubilo, scientes da realidade dos factos, juravos, si tivéssemos o direito de escolha, voltando atraz sobre os acontecimentos, o Superintendente Geral da Educação e Ensino Particular seria ainda pura e simplesmente o nosso Superintendente.

Mas... Seja esse mas uma como abnegação...

Outros que tenham a felicidade de vossas luzes; nós—perdoai-me a vaidosa convicção—temos muito mais—temos a vossa amizade tauto mais preciosa quanto sabemos serdes vós incapaz de malbaratear a vossa sympathia.

Sabemos que a 3.ª Circunscrição será sempre para vós um pensamento de affecto. E isso nos basta, como tambem sinto que vos bastam plenamente estas minhas palavras desataviadas, mensageiras que são da nossa amizade e da nossa gratidão.

D. Helena:



Li algures, que uma grande rainha cheia de prestígio e de capricho levou á guerra os seus subditos.

De volta, um delles, o mais fervoroso, disse-lhe, pondo um joelho em terra, vencido e mostrando os companheiros:

—«Senhora, eis o que fizeram de nós, vosso capricho e vosso encanto».

Não sei si é parodia ou adaptação o que vou dizer-vos.

Vencida de tanto jubilo, mostrando-vos as collegas, estendo-vos as mãos e exclamo, não ferida de magna, mas orgulhosa e feliz:

—«Senhora, eis o que fizeram de nós a hombridade, o valor e o caracter sem jaça de vosso illustre Esposo.»

Agora, que o silencio creador de Mættel- linck caia sobre nós.

Casa para los Maestros

IMPRESSÕES DE BUENOS AIRES

Solicitamos, com vivo interesse, á superintendente de educação, D. Alba C. Nascimento, impressões de sua recente e proveitosa viagem de estudos a Buenos Ayres.

Em resposta ao nosso pedido, teve nosa illustre collaboradora a bondade de enviar ao nosso director as seguintes linhas:

Prezado amigo Dr. A. Cesário Alvim.

De nossa felicissima visita a Buenos Aires, em Janeiro proximo passado, trouxemos recordações impereciveis e confortadoras do progresso estupendo e da cultura da immensa capital, cidade dymnamica e de maravilhosa esthetica.

Dos nossos «remordos», nenhum mais caro, porém, do que aquelle que guardamos do magisterio portenho, cuja psychologia se salienta pela nota emotiva dos seus sentimentos de cordialidade inter-americana.

Das impressões mais agradaveis que recolhemos em nossa alma são as que

trouxemos da *Casa para los maestros*, de Buenos Aires.

Lá tivemos uma recepção unica pelo caracter de sinceridade, de fraternidade que apresentou. Quiseram os «maestros» de Buenos Aires que os educadores brasileiros penetrassem no amago da alma da gente argentina, para o que nos proporcionaram sessões de musica popular, regional e dansas typicas, executadas pelos proprios professores, nos passos tão graciosos do «Pericon» e da «Ranchera» dos gauchos e crioulos.

Foram momentos agradabilissimos que gozâmos na bemdita instituição, cujo edificio monumental poderá apreciar na gravura annexa. Nesse importante instituto, que demonstra a energia de propositos, a riqueza de iniciativas e a capacidade de realizações dos professores primarios argentinos, o seu sentido alto da cooperação e do auxilio mutuo, muito nos recordâmos, com admiração, de uma das mais illustres e sympathicas figuras da superintendencia do nosso ensino elementar — o dr. *Alfredo Cesario de Faria Alvim*.

O seu velho ideal da «Casa para o Professor», pela qual tanto tem trabalhado é uma realidade magnifica na maravilhosa cidade de Buenos Aires.

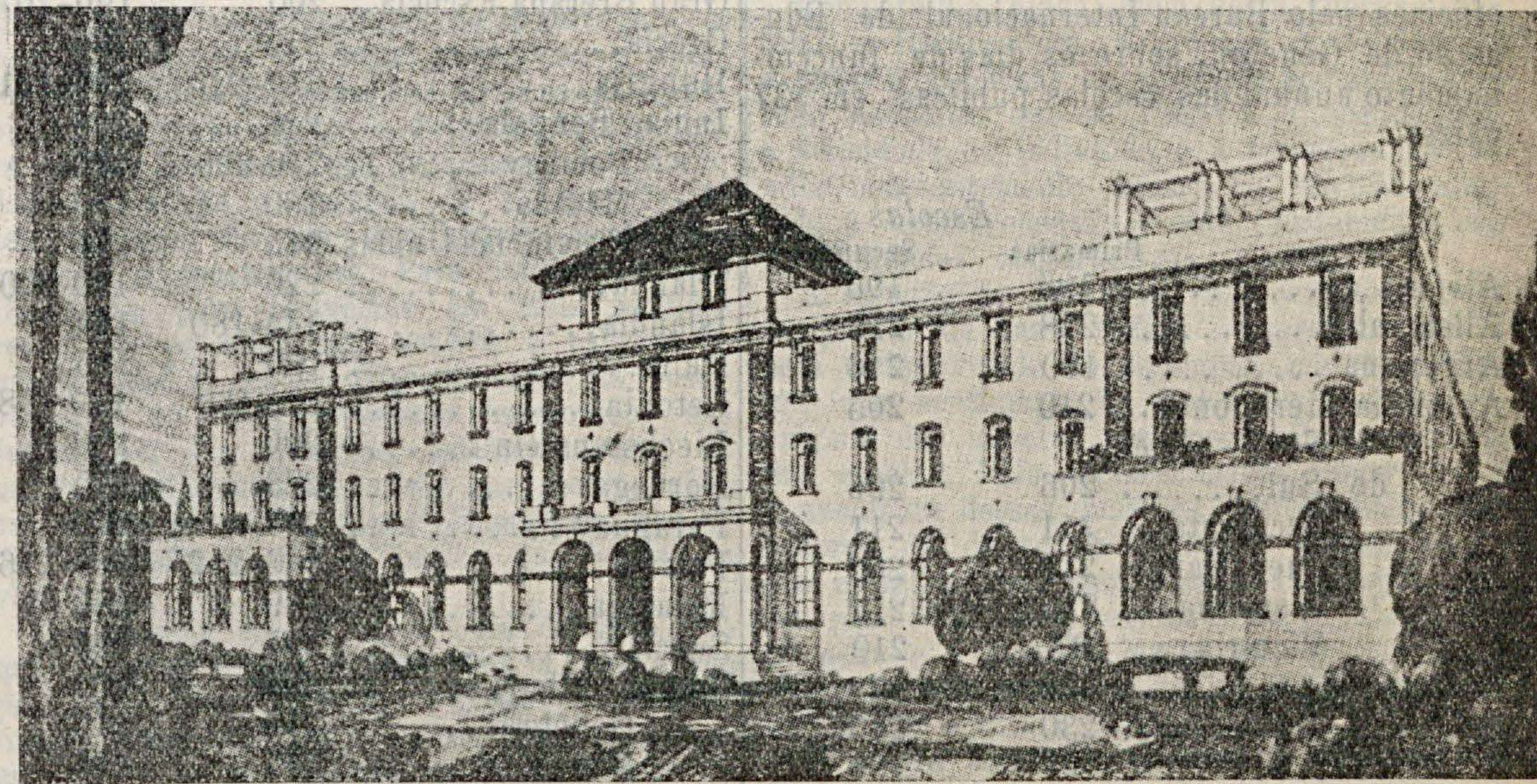
Oxalá possam os nossos professores realizar breve, aqui, o que conseguiram em Buenos Aires os nossos collegas.

Já em 1918, cuidavam os «maestros» argentinos da fundação da «Casa del Maestro», com o proposito de vincular, sob o mesmo tecto, todas as entidades gremiaes do magisterio nacional.

O grande batalhador victorioso da custosa construcção foi o Prof. Dr. Pedro A. Torres, figura impressionante de apostolo da educação, que transformou os maestros em *accionistas* do grande empreendimento afim de constituir o fundo necessario á creação da grande *comunidade magistral*, capaz de proporcionar todas as vantagens de uma collectividade superior.

A «Casa para los Maestros» é monumento material e espiritual, symbolo da grandeza do Magisterio.

Os professores argentinos fizeram milagres de cooperação para erigir a sua «Casa», compreendendo a importancia do



Edificio de La Casa para los Maestros — Buenos Ayres

acontecimento e os beneficios que proporcionarã.

E hoje ergue-se, magestoso, o admiravel arranha-ceu da *Calle Blandengues* nº 4.671, de Buenos Aires, atestando o poder do professor primario.

Apresenta um *pensionato*, salões para actos publicos, sala de desportos, banhos, piscina, diversões, locaes independentes para o funcionamento das associações annexas, apartamentos para professores, apartamentos para «Vacanones» (férias), apartamentos para delegações de fóra, do interior e do exterior, bibliotheca, imprensa propria para editar as revistas e publicações das agremiações solidarias.

Ficâmos encantados com tudo quanto vimos e com as perspectivas que os directores da *Casa para los Maestros* iam desenvolvendo ante os nossos olhos, que se marejavam de lagrimas de commoção ao pensamento do nosso professorado carioca ainda tão desamparado e desunido!

Mais do que nunca pudemos compreender a importancia do seu antigo «projecto» da «Casa do Professor», obra que só

por si, tornaria para sempre benemerito o seu nome.

Faço votos sinceros para que o magisterio carioca se interesse realmente por esta obra de importancia capital que será a «CASA PARA O PROFESSOR», não somente obra de amparo pecuniario, mas principalmente obra de grandeza espiritual, de crescimento mental do Magisterio.

Com estas affirmações, queremos, mais uma vez, reafirmar-lhe, prezado amigo, o quanto valorizamos e admiramos o seu significativo empenho pela «Casa do Professor», que, fazemos votos, breve se erga, honrando a cultura da nossa formosa capital.

Alba Canizares Nascimento.

A Equitativa
Seguros de Vida
Avenida Rio Branco, 125

UMA ESTATISTICA INTERESSANTE

Resumo estatístico formulado com dados officiaes pelo Bureau Internacional de Educação de Genebra, sobre os dias de funcionamento annual das escolas publicas em 37 paizes.

	Escolas	
	Primarias	Secundarias
Albania	196	196
Allemanha	228	225
Argeniina	180	216
Anustralia Meridional..	210	205
« Nova Gales do Sul.....	206	206
« Occidental... ..	211	211
« Queenslandia	211	206
« Tasmania... ..	212	212
« Victoria... ..	216	210
Austria	229	229
Belgica.....	230	230
Brasil.....	194	192
Colombia.....	230	230
Dinamarca	246	239
Dantzig	240	240
Egypto.....	189	163
Equador.....	207	207
Espanha.....	230	—
Estonia.....	172	200
Estados Unidos	171	—
Finlandia.....	200	190

França.....	200	188
Gran Bretanha.Inglater- ra	200-210	195
Gran Bretaña,Escocia..	200	190-207
Grecia.....	215	230
Hungria.....	210-215	196-211
India, Bengala.....	228	228
« Bombay.....	210-220	180
« Madras... ..	180	150
« Provincias Unidas	215	215
Irlanda....	220	190-220
Islandia.....	144-180	144
Italia.....	180	195
Letonia.....	162-188	180-198
Liechstenstein	200	200
Noruega.....	228	225
Paraguay	210	210
Polonia.....	206-212	200-216
Rumania	189	187
Suecia.....	207	228
Suissa Friburgo.....	200	200
« Genebra.....	210	210
« Neuchâtel.....	247	235
« Vaud	252	—
« Zurich.....	240	240
Tchecoslovaquia.....	227	225
Túnis.....	175	175
União Sul-Africana :		
Cabo de Bôa Espe- rança.....	198	—
Cabo-Transval....	201	—
Uruguay.....	200	200

EXPEDIENTE

As assinaturas d'A Escola Primaria pôdem ser tomadas, em qualquer época, pelo preço de 12\$000 por ano para o Distrito Federal e para os Estados.

Os pedidos devem vir acompanhados da respectiva importancia e endereçados á Redação d'A Escola Primaria — Rua 7 de Setembro, 174 — Rio

As coleções dos anos anteriores são vendidas na mesma redação ao preço de 12\$000 cada ano, em avulsos, e 16\$000 em volumes encadernados. Os pedidos de coleções pelo correio deverão vir acompanhados da respectiva importancia e de mais 1\$000, para o registro postal.

Pedimos a nossos assinantes o obsequio de nos enviarem, por escrito, tanto as comunicações de mudanças de endereços, como quaesquer reclamações relativas á remessa da revista.

ESCOLA SOCIAL

A escola atual representa, neste periodo de transição da vida nacional de nosso paiz, a força que ha de conduzir, consolidar e aperfeiçoar a obra historica do advento da republica nova, preparando os futuros cidadãos para melhor servirem aos interesses da patria, dando á nação o maximo de rendimento do seu trabalho, da sua intelligencia e da sua capacidade constructora. Para attingir a essa finalidade, para converter em fieis servidores todos os elementos activos e capazes, é preciso que a escola offereça todas as possibilidades ao desenvolvimento harmonico das tendencias, das vocações, estimulando-as de maneira efficiente, de modo que resulte efficaz a sua actuação. como plasmadora, que é, da sociedade e centro basico das idéas da vida.

O problema da escola é mais de qualidade que de quantidade; e, por isso, a sua acção precisa ser mais intensiva do que propriamente extensiva. Isto é, deve haver a preocupação não de disseminar escolas, mas de bem localiza-las e integra-las no ambiente onde se vão desenvolver e, sobre o qual deverá influir, para modificação em beneficio do individuo e da sociedade. Se não for assim, organizada e compreendida, falhará á sua função, pois, sendo ella a continuação do lar, e a cellula viva, formadora da consciencia nacional, tem de se moldar e adaptar á vida do povo a que vae servir, de modo que em torno ás suas actividades girem as necessidades de toda a comunidade.

Se o lar é a primeira e a mais importante das escolas das crianças afortunadas, onde ellas inconscientemente vêm a conhecer toda a vida, inclusive os mysterios que regem essa mesma vida; sendo a escola o reflexo da familia humana, tem de ser o «verdadeiro lar» daquelles que nascem sem tecto, dos que desde cedo são abandonados aos azares da sorte, propensos, portanto, a enveredar pelo caminho dos vicios e da delinquencia, aniquilando-se e concorrendo para desvitalizar a raça e destruir a felicidade humana.

Para esses infelizes é a escola a salvadora por excellencia, cabendo-lhe agir opportunamente para o soerguimento e cura moral desses párias do destino. Compete-lhe, pois, nessas contingencias, cuidar do incorrigivel, do sub-normal, do demente, da criança abandonada, explorada, viciada ou delinquente, transplantando-a do embrutecimento em que vegeta para a vida sadia das casas de educação, para os preservatorios, sanatorios, casas de preservação, escolas prévocacionais ou profissionais sob o regime de internatos, despertando assim o optimismo e o entusiasmo nessas almas atrophiadas pelo infortunio, saneando os

costumes e integrando esses pequenos seres apathicos ou nocivos na vida da sociedade, tornando-os uteis a si mesmos e á patria. Essa uma das funções da escola social.

Compete-lhe, ainda, além dessa função tutelar e fiscalisadora, a solução dos delicados e graves problemas de «hygiene social», sobretudo daquelles que se referem á coeducação, á felicidade do individuo e á formação da familia, constantemente ameaçados um e outra, devido á incompreensão e máu ajustamento das possibilidades constructivas dos sexos.

A solução do problema da educação sexual, sempre o de mais difficil apprehendimento, pela complexidade do assumpto, não deve, por um falso sentimento de pudor dos paes ou escrupulo dos mestres ser descurado, nos lares ou nas escolas. Pelo esclarecimento opportuno e conveniente dessas questões, muitos males causadores de delinquencia social pôdem ser e são evitados, sem que, para a explicação desses problemas, seja preciso ferir-se o respeito ao sexo e á familia. Muito ao contrario: por meio de uma educação social sadia é que se implantam e criam habitos sadios.

A escola social deve estar preparada, portanto, não só para attender aos objectivos já referidos, como tambem para solucionar todos os demais problemas sociaes que appareçam, devendo resolvel-os pelos meios naturaes e verdadeiros, sem exaggerados zelos — ou prejudiciaes restricções.

Provida de todo o material indispensavel para resolver os problemas da saude, da alimentação, do vestuario, da defeza physica e moral; da cultura e da selecção dos valores individuaes, cumprirá, a escola social, o seu programma de aperfeiçoamento do character ao mesmo tempo que orientará os pequeninos homens do futuro para as grandes luctas da vida, forjando-lhes as consciencias e enrijando-lhes os musculos, nas officinas, nos campos de criação e de cultura, nas escolas de especialização onde, de accordo com as vocações, e, com os methodos scientificos do trabalho bem organizado aprenderão a libertar-se pelo labor honesto, valorizando-o e delle auferindo uma remuneração compensadora, que lhes permitta haurir as alegrias e as doçuras maximas da vida, consubstanciadas na tranquillidade da consciencia e na comprehensão dos deveres e direitos individuaes.

Para que a escola atinja, porém, á tão elevada tarefa social, imprescindivel é que se cuide da cultura do mestre, elemento vital e indispensavel ao exito de qualquer objectivo pedagogico.

Si observarmos as reformas educacionais, que, nestes ultimos annos, se têm verificado em paizes europeus e americanos, verificaremos que só têm logrado firmar-se as revoluções que se estribaram no alargamento e solução immediata dos problemas da educação e ensi-

nó. E que, em todos os tempos, têm sido os educadores os pioneiros das mais profundas reformas sociais, capazes de transformar a estrutura moral dos povos, já pelo despertar de energias latentes, já pelo reconhecimento das capacidades intellectivas e realizadoras do homem.

O educador, de espirito, por indole, apazi-guador e constructivo, pela sua idealogia sempre dirigida para horizontes mais largos e elevados, é um «revolucionario consciente» de idéas sociais, consubstanciadas num programma de renuncias pessoais e de conquistas collectivas, tendo como lemma o alevantamento moral e cultural da sociedade em que vive, da nação a que pertence. De espirito constructivo, não vacilla, entretanto, em destruir, quando á sua idéa se interpõem obstaculos que impeçam a realização de seus planos, retardando a marcha evolutiva de seu programma de acção. E então, desde que não lhe seja possível «aproveitar» ou «adaptar», elle destróe para edificar.

Certo de que só é possível modificar as gerações pela educação da infancia e pelo respeito á consciencia infantil, a preocupação constante do educador «consciente» é, justamente, o conhecimento e o estudo physio-psychologico da criança, afim de melhor poder influir, pelo conselho e pelo exemplo, pelos meios que lhe indicarem a sciencia, a intelligencia e o coração, para o integral desenvolvimen-to da alma, da mente e do corpo dessa criança, que deve trazer no espirito, bem firmada, a idéa da cooperação, da paz e da solidari-iedade universal.

Será esse o unico meio do desarmamento to do espirito das novas gerações em favor dos ideaes pacifistas e da confraternização.

Nesse ponto, o actual programma desenvol-vido pela administração do ensino Municipal, dá-nos uma impressão da mais confortadora obra de pedagogia social que se tem realiza-do em nossos dias.

Alegramo-nos de registrar aqui, que, numa sequencia feliz, a obra iniciada e presen-tada por Medeiros e Albuquerque, Azeve-do Sodré, Afranio Peixoto, Carneiro Leão e Fernando de Azevedo, vem sendo realizada, propagada, ampliada e sentida com um vasto descortínio e um ascendrado patriotismo pelo actual Director do Departamento de Edu-cação, que arrojada e destemerosamente, baseado nos profundos conhecimentos que trouxe de outras terras e de outras gen-tes, sentindo e vivendo a hora que passa, «revolucionou» o ensino, em beneficios que se avaliarão daqui a decennios, imprimindo-lhe uma forma mais nova e mais de accôrdo com a vida e a indole da nossa raça.

A sua technica de trabalho, os instrumen-tos de que se cerca, os fins geraes e par-

ticulares a que subordina o seu trabalho, a a autonomia espiritual e moral que concede ao magisterio, a profunda cooperação mutua que, soube despertar entre o professorado, a trans-formação social que imprimiu ao ensino — da escola primaria, ao Instituto de Educação evi-dencia em toda essa organização, uma idéa tão elevada, tão magnifica de patriotis-mo e de crença nos destinos da nossa ter-ra e do nosso povo, que desperta, em cada um de nós, parcella da grande fam-ilia de educadores brasileiros, o desejo de contribuir com o nosso esforço e o nosso trabalho entusiastico para o grandeza, des-sa terra que é nóssa, para o bem da humani-dade, que é uma, para a concordia e para a paz universal.

Todas essas instituições peri e post esco-lares; todas essas organizações de caracter verdadeira e intencionalmente politico-sociaes, como os Clubs Pan Americanos e a Cultura de Affecto ás Nações, encerrando uma idéa tão elevada de patriotismo, dão-nos uma comprehensão tão larga de «humanismo», que nos levam voluntariamente a collaborar para o engrandecimento e diffusão dessas criações escolares, sem duvida os instrumentos os mais efficientes da educação da consciencia.

Para o meu espirito de educadora, que se fez «mestra» por vocação e por entusiasmo, a obra mais interessante da actual adminis-tração é justtamente esse despertar de cons-ciencias, esse carinho e esse respeito, pe-la criança, essa observação attenta e dia-ria que se faz dos seus gostos, dos seus ha-bitos, dos seus desejos, da sua vocação para melhor conduzi-la, para tornal-a mais feliz. E' a preocupação dos «mestres» pela formação moral de seus alumnos; é o seu cuidado pelo aprimoramento de sua propria cultura, pelo aperfeiçoamento de seus conhecimentos, pela fixação de seus objectivos e firmação de sua especialização.

E, tudo isso, (seja dito com sinceridade) derivou-se do incentivo despertado pela actual administração do ensino que falharia ao seu proprio programma se se descurasse da «cultura dos mestres» e só pensasse em «abrir escolas» sem insuflar-lhes a «alma». E a alma é o mestre.

Maria do Carmo Vidigal Pereira das Neves.

A Equitativa
Leguros de Vida
Avenida Rio Branco, 125

Indices de robustez

Trabalho do Instituto de Pesquisas educa-cionaes.

Secção de Antropometica

O indice de robustez, qualquer que seja, é de significação muito precaria na aprecia-ção do estado hygido do individuo. si outros informes não forem colhidos, interessando so-bretudo o funcionamento dos orgãos e ap-parelhos.

Assim como não se póde fazer um juizo seguro sobre a robustez de um individuo, em periodo de desenvolvimento, levando-se em conta somente o peso e a estatura a que tenha attingido em determinada idade, assim tambem os diferentes indices usualmente em-pregados, e que todos se baseam em mensu-rações somaticas, por si só suggerem méras conjecturas sobre um tal ou qual estado que o exame clinico confirmará ou não.

Não têm, pois, nem precisão mathemati-ca, nem biologica: mais ou menos empiricos, não se lhes deve attribuir outro valor que o de simples indicio que pode falhar e na reali-dade falha muitas vezes.

De um modo geral, os indices podem ser catalogados em dois grupos principaes: no primeiro se enquadram aquelles indices que resultam da combinação de duas variaveis, por exemplo *peso e estatura*; no segundo, comprehendem se aquelles outros, para cuja avaliação concorrem mais de duas variaveis, por exemplo, *peso ainda e estatura*, e mais *perimetro thoracico*. Dentro da precariedade assignalada dos indices em geral, os do pri-meiro grupo são os menos imprecisos. Quan-do mais de duas variaveis, são computadas no calculo de um indice não se póde bem inter-pretar a significação de uma grandeza que decorre, digamos assim, da manipulação de dados tão heterogenios.

Entre os indices do primeiro grupo, um foi proposto por Quételet e tomou na pratica o nome de seu auctor. Consiste o indice de Quételet na indagação do peso de *um centi-metro* do individuo considerado: para tanto, basta dividir-se o *peso* em grammos, pela *es-tatura* em centimetros:

$$\text{Indice de Quételet} = \frac{\text{Peso (em grammos)}}{\text{Estatura (em cc.)}}$$

Esse indice seria comprehensivel, si o corpo humano fosse de forma cylindrica; mas no peso de um centimetro assim compu-tado, entra tambem o peso das extremidades, do pescoço e da cabeça, perdendo o indice qualquer significação biologica que por ventu-ra tivesse.

Mais interessante que o indice de Quételet é o indice de Oeder, isto é, a relação por quociente entre o peso que o individuo tem e aquelle que devera ter em condições normaes de desenvolvimento e saude.

Attendendo a que a massa do corpo tem maior repercussão sobre a totalidade do peso que o comprimento dos membros, Oeder cal-cula o que chamou a «*estatura proporcional*» multiplicando por dois a distancia em projec-ção que separe o *vertice da cabeça* do *sym-phision*. Da estatura proporcional subtrahes 100 para chegar ao peso que, segundo Oeder, deveria ter o individuo em condições nor-maes de nutrição e saude.

Assim o indice de Oeder tem para for-mula:

$$\text{Indice de Oeder} = \frac{\text{Peso real}}{\text{Peso normal}}$$

Exemplificando: Um menino de 154.2 de estatura, pesando 45.600 tem o symphi-sion a 74.1, do vertice da cabeça. Sua esta-tura proporcional é o dobro desta distancia, ou seja 148.2.

Subtraindo 100 dessa grandeza chega-se ao peso normal do individuo considerado ou 48.2.

Logo o indice de Oeder é no caso:

$$\text{Indice de Oeder} = \frac{45.600}{48.200} 0,946$$

Na opinião de Oeder, indice igual a + 1-0,075, é o de um individuo proporcional-mente desenvolvido; indice abaixo de 1-0,075 é o de um individuo em deficit de nutrição; ao contrario, indice acima de 1+0,075 assignala tendencia á obesidade. O indice de Oeder só tem applicação em individuos que tenham estatura de 1,40 ou mais.

O indice de Kaup, como o precedente, tem sido objecto de pesquisas em nosso Ser-viço. Sua significação biologica não é maior

que a do índice de Quételet; entretanto Kapu focaliza com razão a constancia do índice no adulto, normalmente desenvolvido, entendendo que sua applicação ao individuo em via de desenvolvimento, pôde trazer informes interessantes sobre o crescimento no sentido da espessura.

Chega-se ao índice de Kaup, dividindo-se o peso em grammos pelo quadrado da estatura em centímetros.

$$\text{Índice de Kaup} = \frac{\text{Peso (em grammos)}}{(\text{Estatura em c. c.})^2}$$

No individuo adulto, como ficou dito, esse índice é constante e igual a 2, 3: inferior que seja a esse limite, é de concluir se que o desenvolvimento no sentido transversal o deficitario para a estatura que o individuo em questão apresenta.

Com relação ao índice de Kaup, fizemos uma serie de observações em cerca de 120 crianças do sexo masculino de 7 a 15 annos, conforme mostra o quadro abaixo.

INDICE DE KAUP

Numero	Idade	Índice medio
19	7	1.5
32	8	1.5
18	9	1.5
15	10	1.5
21	11	1.5
8	12	1.7
8	13	1.5
3	14	1.6
3	15	1.8

127

Mostra o quadro em synthese que entre os 7 e os 11 annos de idade, o índice de Kaup é em media igual a 1.5. Entre 10 e 14 annos verifica-se como que uma parada de desenvolvimento em estatura, com desenvolvimento em espessura, e logo o índice sobe a 1.7. Dos 13 aos 15 annos, nova phase de incremento na estatura, com prejuizo do desenvolvimento no sentido transversal, e o índice desce, denunciando o phenomeno, a 1.5 e 1.6. Aos 15 annos de idade, já quando o individuo começa a alcançar a estatura definitiva, e o desen-

volvimento no sentido transversal entra a tomar vulto, o índice ascende lentamente a 1,8 a 1,9, 2,0 etc. até 2,3 no adulto, onde se fixa.

* * *

Von Pirquet estabeleceu um índice a que denominou *Pelidisi*, applicavel sobretudo a crianças, e que fazendo abstracção do comprimento das pernas, leva em consideração a altura do segmento tronco-cephalico, que contém os órgãos internos.

$$\text{Pelidisi} = \frac{\sqrt[3]{10 \times \text{Peso em grs.}}}{\text{Alt. tronco-cephalica}}$$

Segundo dados já colhidos em nossas fichas, as indicações fornecidas pelo *Pelidisi* não discordam dos resultados a que se chega pelo índice de Kaup.

* * *

Entre os índices do segundo grupo, em cuja avaliação entram mais de duas variaveis, mencionaremos apenas e de Pignet.

Índice de constituição = Estatura (em c. c.) \times (circunferencia thoraxica em c. c.) \times Peso (em kilogr.).

Segundo Pignet, índice

Inferior a 10 = constituição muito forte
de 11 a 15 = » forte
» 16 a 20 = » boa
» 21 a 25 = » regular
» 26 a 30 = » fraca
» 31 a 36 = » muito fraca
superior a 36 = » má

Assim quanto menor o índice, tanto melhor a constituição.

O índice de Pignet tem algum valor, sómente quando se consideram individuos dentro da curva normal do peso e estatura.

Fôra dessa hypothese pode levar a resultados disparatados.

* * *

Procurando corrigir esse inconveniente, o Professor H. P. Fróee em comunicação á *Sociedade dos Hospitales da Bahia*, apresentou uma nova formula em que são levados em linha de conta ao lado do perimetro thoracico, ainda o perimetro abdominal e a expansão thoracica «factor physiologico», na propria expressão do Auctor.

Eis a formula em questão:

$$\text{Índice de robustez} = \frac{(\text{Per. abdom.} + \text{Est.}) - (\text{Per. thor.} + \text{Peso})}{\text{Expansão thoracica}}$$

$$(\text{Thoracico} + \text{Peso})$$

Posteriormente, o Auctor modifica a formula, multiplicando por dois o respectivo denominador, por isso que verificára «a exagerada importancia que dá, na referida formula, á cifra da expansão thoracica.»

Quer nos parecer que a formula do Professor Fróes complicando ainda mais o calculo do chamado índice de constituição nem por isso o escoima dos inconvenientes que tinha em vista corrigir.

O *Pelidisi* e o índice ponderal de Oeder, com os senões que por ventura apresentem, offerecem, não obstante, as normas mais aconselháveis na pratica, quando se pretende comparar o desenvolvimento de dois ou mais individuos dentro de uma determinada classe.

Bastos de Avila

Língua Materna

Em carta, pergunta-me um aluno o significado da expressão «fêcho de açúcar», que, segundo diz, viu num artigo de economista português, cujo nome não apontou. Foi usual a expressão, hoje mais ou menos em esquecimento e está em alguns dicionários da lingua, ex. gr., nos de Bluteau, Moraes, Lacerda, Couto e Domingos Vieira. Está no Bluteau: «Um fêcho de açúcar». Capsa minor, saccharo plena.»

No Moraes: «Fêcho de açúcar, um caixão pequeno.» (2ª) ou «Fêcho de açúcar; um caixão pequeno cheio dêle.» (6ª).

«Fêcho (escreve Fexo)...pequeno caixão de açúcar.» (Couto).

«Fêcho de açúcar; pequeno caixão cheio de açúcar.» (Vieira).

«Fêcho de açúcar. Caixote pequeno, cheio dêle.» (Lacerda).

Não consignam a expressão Figueiredo, Aulete e A. Coelho.

Não é termo de uso corrente e com êle poucas vezes tenho topado. Do «Elogio histórico de José Bonifácio», de Latino Coelho, transcrevo êste lanço:

«Dava-lhe leis, governadores, e magistrados, e tantas vezes infelizmente daqueles de quem diz o eloquente, e não raro malicioso prégador, que parodiando aos fariseus, desdenhavam como peita um cacho de uvas, e enguliam galhardamente alguns fechos de açúcar americano». Pág. n. 24. Ed. de 1877.

Não conheço a origem ou a história da expressão e ignoro o motivo por que se chama a um caixote de açúcar fêcho de açúcar. Também não sei se já se empregou fêcho como caixote de outras coisas.

Provavelmente, fêcho é o que contém fechado, guardado, e, nesse caso, poderia ser o vocábulo empregado para significar qualquer caixa fechada ou tampada.

De passagem, note-se que os dicionários que tenho hábito de consultar — Bluteau, Moraes, Lacerda, A. Coelho e C. Figueiredo, não consignam o verbo tapar, com a aceção de fechar, não usual em Portugal, mas correntissimo aqui. O sr. Nascentes, em seu Dicionário, não tratou do verbo.

Figueiredo diz: «Tapar, v. t. Pôr tampos ou tampas em» e não dá tampo como sinónimo de tampa.

Nos casos em que empregamos tapar, usam os portugueses tapar e, parece, tapar provém de tapar, e êsse, alvitra Cortesão, talvez venha do baixo latim tappare. Escreve o autor dos *Subsídios*: «Tapar. Da b. lat. tappare? Ex.: Et omnes vineas meas preparatis et tapetis eas. (Leges. p. 715. A. 1269. Cf. o hisp. tapar e o it. tappare.»

Há quem derive tapar de tampa e êsse de tapar ou do gótico tappa, rôlha grande batoque.

Parece-me que tapar é variante, com a primeira vogal nasalizada, de tampa. E' forma legítima e bem gerada.

Diz C. de Figueiredo: «Em Portugal que eu saiba, nunca se deu à tampa o significado de rôlha propriamente dita, mas sim o de qualquer peça movediça, com que se tapa uma caixa, ou um vaso (não garrafa). Por isso, os portugueses não dizem tapar uma garrafa, mas tapá-la ou arrolhá-la.»

Nesse ponto usamos linguagem mais conseqüente. Se se adopta a forma nasalizada para o substantivo, é razoável a nasalização do verbo. Em linguagem militar, em vez de tampa ou de tapabôca de canhão ou de fuzil, peça também chamada cobremira e tarugo, usa-se o termo *tapa*, assim definido no «Dicionário técnico militar de terra», de Caetano de Albuquerque: «Tapa... tapabô-

ca, cilindro de madeira que, introduzido na bôca do canhão, serve para o preservar internamente da humidade, poeira, etc. . . .”

E' corrente, aqui e em Portugal, o uso do termo *tampão*, com o sentido de tampa ou tampo grande e no de chumaço, de opérculo. No primeiro caso, forma-se de *tamp*, raiz de tampa e a desinência *ão*, que designa aumentativo. *Tampão* como tampa grande ou batoque volumoso é velho e abonado.

Em "Linguagem médica. . ." escrevi: "E' raro o dia em que não ouvimos este termo, (*tampão*) no curso de Farmácia, para traduzir o francês *tampon*. Este é formado de *tamp* e o sufixo *on*. *Tampão* forma-se da mesma raiz e o sufixo *ão*. Mas sucede que o sufixo *on*, francês, não corresponde ao nosso *ão* e exprimem até ideias opostas. O francês é diminutivo e o português aumentativo. De modo que, *tampon* corresponde a *tampinha*. Temos o vocábulo *tampão*, que significa tampa grande, batoque vultoso. O vocábulo *opérculo* é aconselhado para substituir *tampon*."

Em Química e em Física também se emprega a palavra *tampão*, com sentido decorrente do de *tampon*, francês. Da "Química Fisiológica", de W. Pembrey Dixon, ed. brasileira, copio: "Substâncias que existem no plasma, como o carbonato primário de sódio, proteínas, etc., que neutralizam os ácidos ou as bases que em excesso penetram no sangue, abrigando-o de variações súbitas, são chamadas substâncias *tampões*. . . ."

Transcrevo de um livro de divulgação: "Tampão. Bateria tampão. Bateria de acumuladores colocada em derivação numa rede com o fim de atenuar as variações do regime que poderiam produzir-se no funcionamento das geratrizes, como seqüência de variações de potência. . . ."

Também no Direito internacional, hoje, usa-se a expressão "estado tampão", "país tampão".

Tem o francês as formas *tamponnement* e *tamponner*, como acção de pôr tampões, opérculos ou chumaços, aqui mal traduzidas por *tamponamento* e *tamponar*. Médicos, algo escrupulosos na linguagem, dizem *operculização*, *opercular*, *enchumaço*, *enchumaçamento*.

A palavra latina *operculu* e a portuguesa opérculo correspondem a tampa, a coisa que fecha, que obtura.

Na linguagem médica é usual o *tamponar*, alquando empregado fora da linguagem de clinicos. E' de Coelho Neto este trecho,

que cito de segunda mão: "...não são dentes, são verdadeiros armazens; com o algodão com que os tamponavas poderia uma fábrica tecer pano para um regimento." (A bico de pena. Pág. n. 158).

Chumaço era uma espécie de traveseiro de penas ou de frouxel e, parece, provém o termo do latim hipotético *plumaciu*, embora alguns filólogos reputem inadmissível a transformação de *pl* em sílaba átona. Também é pasta de pena, de algodão, de páina para almofadar e é opérculo de algodão, de gaze, de estôpa. . . , para obstruir um orificio, uma cavidade.

Batoque é o opérculo grosso, de cortiça ou de madeira, com o qual se obturam orificios, em regra de pipas, de toneis, de ancorotes ou encorotes. Uma vez por outra, designa-se o orificio pelo nome de batoque, e caso semelhante se dá com o termo tarugo, a que nos referimos. Esse é de origem castelhana e tanto designa o orificio como o que serve para fechá-lo. Está em Cortesão: "Do esp. tarugo (do sãosc *tara*, furar com trado)". Tem o castelhano a forma bitoque e nessa alguns filólogos entroncam batoque. Figueiredo pergunta se não será de bater.

— Usa-se muito aqui, pelo menos no sul de Minas, a palavra *tapa*, como bofetão, bofetada. Em Portugal também se emprega o termo, porém menos do que aqui e os dicionários, em regra, o apresentam como plebeu. Anlete, A. Coelho e Figueiredo escrevem *a tapa*. Aqui se diz *o tapa*. A um sôco ou a uma bofetada na bôca chama-se, em Portugal, *tapabôca*; a um nos olhos, *tapaolhos*. O sôco ou a bofetada na boca obriga quem o leva a calar-se, a ficar com a bôca fechada, tapada. Em Portugal ainda se chama *tapa* a um argumento irrespondível. O *tapa*, nos sentidos apontados, parece, é derivado do verbo *tapar*.

Tem o francês *tape*, feminino, como bofetada e como opérculo, tampa.

Em etnografia também se emprega o termo *tapa*, de certo de origem africana.

"Estes são de tribos vizinhas aos afros, a que chamavam *tapas*, os nupês ou nifês, das margens do Niger entre o *Oxi* e o *Curita*" (Jacques Raimundo.)

A' acção de dar bofetadas, de esbofetear, chama-se aqui, pelo menos no sul de Minas, *estapear*.

Há uns brasileirismos, creio que de nossos dias, *tapear*, *tapeação*, *tapeamento*, no

sentido de enganar, de iludir, de contornar os assuntos, sem se definir, de marombar. . .

Figueiredo regista *tapear* e pergunta se será da raiz de *tapar*. Possivelmente o é. Quem procura *tapear*, cuida de cobrir a verdade, de tapá-la. . .

— Certo critico de livro meu viu obscenidade ou chulice, no verbo *tampar*. Ainda não consegui descobrir a razão da afirmativa e creio que se trata de confusão, de leitura mal feita, não entendida.

P. A. PINTO.

Tres Palavrinhas

Baumé.—Antonio Baumé, chimico francez, deixou-nos, entre outras coisas, a recordação frequente de seu nome, associado ao areometro, muito usado, que elle creou ou aperfeçoou. Não pôde haver duvida de que a pronuncia de tal nome é *bomê* e assim ouvi dizer-se sempre, até que recentemente, de duas pessoas instruidas, em afamado laboratorio, ouvi *báumm* e não comprehendo como se pudesse incrustar esse erro de pronuncia em cerebros tão instruidos, erro que, pela posição das referidas pessoas, vai ser transmitido a muitos. . .

Czardas.—O nome da opereta e, depois, do filme *Princesa das Czardas* é entre nós bastante popular, mas pronunciado quasi sempre erradamente.

Pronunciar *quizardas*, como fazem os que não atentam ou não sabem, é o mesmo que pronunciar *máizon*, *bóes de bológuine* (*maison*, *Bois de Bologne*), etc.

Existe atenuante, não resta duvida, a da relativa extravagancia, para nós, da lingua donde vem a palavra *Czardas*.

Mas acredito preferível corrigir de vez, principalmente porque não se trata de palavra de longo incluída na linguagem do povo.

O grupo *cz*, frequente nas linguas slavas, sôa, junto das vogais, como *tch* ou *tx*.

Assim, *Czerny*, que não ha estudante de piano que não conheça, diz-se *tchérne*; semelhantemente, devemos dizer *Tchardas* e não *quizardas*.

Raposos.—Raposo é o macho da raposa, mas raramente usado no Brasil, onde se

prefere dizer *raposa macho*. Raposo é empregado quasi exclusivamente como sobrenome, ou nome de familia. Quanto ao plural, atendendo-se á analogia do feminino, faz-se também *rapôsos*, com *o* fechado. Ha, entretanto, que notar o seguinte: Quando se tratar do nome da localidade de *Raposos*, no Estado de Minas Geraes, perto de Sabará, é *rapôsos* que se pronuncia (com *o* aberto). Assim se diz no logar, assim devemos dizer.

MESTRE-ESCOLA

Departamento de Educação do Districto Federal

DA MATRICULA EM GERAL

Art. 1.º — A matricula nas escolas elementares diurnas se effectuará de 7 a 14 de Março.

Art. 2.º — Esse periodo ficará assim dividido:

a) — De 7 a 9 de Março — Confirmação de matricula dos alumnos que se achavam matriculados nas escolas em Novembro de 1934.

b) — De 11 a 14 de Março — Matricula dos alumnos novos da 1.ª serie que não tenham frequentado o systema escolar.

Art. 3.º — Em igualdade de condições, terão preferencia para a matricula nova na 1.ª serie escolar, as crianças de 7 annos de idade, ou as que vão completar essa idade dentro do 1.º semestre de 1935.

Art. 4.º — As escolas considerarão como desligadas do systema escolar, não devendo portanto voltar a frequental-as, os alumnos que estavam matriculados na 5.ª serie em 1934 e que receberam os certificados de frequencia da 5.ª serie (verdes) e de aproveitamento (azues).

Art. 5.º — Se terminados os prazos estabelecidos no art. 2.º (7 a 14 de Março) e tendo em vista a previsão feita, a capacidade da escola e o numero de alumnos já matriculados (os que renovaram a matricula e os alumnos novos de 1.ª serie), as escolas ainda apresentarem vagas, ficam autorizados os Srs. directores a matricular, até o dia 20 de Março, candidatos de outras séries, desde que os mesmos não estejam matriculados em outra escola, (matricula nova ou matricula reno-

vada, conforme o alumno não tenha frequentado ou já tenha estado matriculado em qualquer escola municipal).

Art. 6.º — A effectivação da matricula dos alumnos de que trata a ultima parte do artigo anterior só se dará após verificação de que elles não se acham matriculados em outra escola e que podem frequentar a serie em que se inscreveram.

Art. 7.º — Dos alumnos inscriptos no systema escolar (os que frequentavam as escolas municipaes em Novembro de 1934) que se apresentarem para confirmação de matricula deve ser exigida a apresentação do cartão de matricula (verde), o qual só poderá ser dispensado em casos justificados.

Art. 8.º — Os alumnos que desejarem confirmação de matricula em escola nova diversa da que frequentaram até Novembro de 1934, deverão pedir nesta, devidamente preenchida, a ficha de matricula (branca) para apresental-a na nova escola.

Art. 9.º — Nenhum alumno nas condições do artigo anterior será matriculado na nova escola sem a apresentação da ficha de matricula (branca), a qual será recusada caso apresente razuras, emendas e lacunas de informações.

Art. 10.º — Em qualquer das tres hypotheses, de que trata a ultima parte do artigo anterior, a ficha será devolvida ao portador para que este obtenha a expedição de nova ficha pela escola de que pretende sair o alumno.

Art. 11.º — As escolas em que o Plano de Matricula não previu a *constituição de turmas de Jardim de Infancia* não podem matricular crianças desse gráo de ensino.

Art. 12 — Si o numero previsto pelo Plano de Matricula for excedido com a apresentação de alumnos novos serão os candidatos excedentes relacionados em listas (modelo 2) que, por intermedio dos Srs. Superintendentes serão remetidas á Divisão de Obrigatoriedade Escolar e Estatística até ás 16 horas do dia 16, afim de que a Administração possa resolver sobre o assumpto. Esses alumnos não devem constar dos resumos estatísticos sobre a matricula já effectivada.

Art. 13 — Os Srs. Directores devem exigir dos paes ou responsaveis a prova de idade das crianças que se apresentarem para matricula nova na 1.ª serie escolar, permittindo-se o adiamento da apresentação da prova em casos excepcionaes.

Art. 14 — No dia 16 pela manhã, os Srs. Directores entregarão, em duplicata, ás sésedes das superintendencias:

- 1.º — as listas de que trata o artigo 12.º (modelo 2) dos alumnos excedentes;
- 2.º — os resumos estatísticos por idade, sexo e serie escolar dos alumnos novos e dos que confirmaram a matricula (modelo 1).

Art. 15 — As primeiras vias de informação de que trata o artigo anterior serão enviadas pelos Srs. Superintendentes, á tarde do mesmo dia á Divisão de Obrigatoriedade Escolar e Estatística.

Art. 16 — No dia 21 pela manhã, serão entregues pelos Srs. Directores, em duplicata, ás sésedes das superintendencias, os resumos estatísticos dos alumnos que renovaram a matricula. As primeiras vias desses resumos serão entregues no mesmo dia á Divisão de Obrigatoriedade Escolar e Estatística.

Art. 17 — Dos alumnos novos da 1.ª e das demais series escolares e dos que renovaram a matricula, os Srs. professores, devem preencher, no acto da matricula, as fichas de matricula (branca) e os cartões de matricula (verdes) e, posteriormente, as fichas de controle (brancas-pequenas). Estas serão remetidas até o dia 30 de Março á Divisão de Obrigatoriedade Escolar e Estatística, por intermedio dos Srs. Superintendentes, que providenciarão para uma verificação numerica, e, se possível, das informações pedidas nas fichas.

Art. 18 — Deve ser feita, tambem, nas sésedes das superintendencias uma verificação com o fim de impedir duplicata de matriculas.

Art. 19 — Os Srs. Directores e professores das escolas de 1.ª e 3.ª series ao encaminharem os alumnos de 4.ª serie que vão deixar a escola, para a confirmação de matricula em outras escolas, deverão oriental-os, dando-lhes o endereço (rua e numero) da escola que possam frequentar, tendo em vista a residência do alumno. Para esse fim o professor deve consultar os quadros do Plano de Matricula nos quaes se acham os locais em que funcionam as escolas com classes de 4.ª e 5.ª series.

Art. 20 — As Srsas. Directoras devem ter o maior cuidado na apuração rigorosa do numero de alumnos que confirmaram a matricula (os que effectivamente se apresentaram), do de alumnos novos e dos que renovaram a matricula, pois a matricula da escola no inicio do anno é tão somente constituída por esses alumnos.

Art. 21 — Pela Administração do Ensino é considerada:

a) — como *matricula confirmada* (alumno já inscripto no systema escolar) o alumno que já se achava matriculado em qualquer das escolas municipaes do Districto Federal, em Novembro de 1934, mesmo que em Março de 1935 se inscreva para frequencia em escola diferente daquella em que se achava ao findar o anno lectivo de 1934.

b) — como *matricula nova* (alumno novo), o alumno de 1.ª, 2.ª, 3.ª, 4.ª e 5.ª serie que em nenhum tempo esteve matriculado em escola municipal do Districto Federal.

c) — como *matricula renovada* o alumno de qualquer serie que já tenha frequentado

alguma escola municipal do Districto Federal e que, tendo interrompido o curso, volte a proseguir nelle em Março de 1935.

Art. 22 — No acto da matricula deve ser verificado se a residencia do alumno ainda é a mesma. No caso contrario, riscar-se-á o antigo endereço na respectiva ficha e escrever-se-á, por baixo, o novo.

Art. 23 — No dia 14 de Março deverá realizar-se em todas as escolas uma pequena solennidade pelo reunio dos trabalhos lectivos.

Art. 24 — Após a organização das turmas, que só se dará no dia 25 de Março, cada professor preencherá, em duplicata, a ficha da turma que lhe competir, tendo em vista os dados constantes da ficha de matricula, e de accôrdo com o seguinte:

A) — Os nomes dos meninos serão escriptos em ordem alphabetica e, a seguir, os nomes das meninas, tambem em ordem alphabetica, com numeração distincta para cada sexo.

B) — Escrever na columna correspondente o numero de annos e mezes de idade de cada alumno, de accôrdo com a ficha de matricula.

C) — indicar o sexo do alumno na columna correspondente com o signal (V).

D) — Escrever na columna «classificação do alumno» a serie escolar, o nivel de aproveitamento, (A ou B), a velocidade de aproveitamento, (V, X ou Y) e a applicação (1, 2, 3 ou 4).

E) — Escrever na columna «numero de vezes de repetição do anno» o numero de vezes que o alumno cursa a serie.

F) — Escrever, a lapis, na columna «observação», após as annotações que ahí forem feitas, a nova residencia do alumno e as iniciaes M. N., se fôr matricula nova M. C., se fôr matricula confirmada e M. R se se tratar de matricula renovada.

G) — No alto da ficha escrever:

— a tinta — designação e denominação da escola, o mez e anno em que foi feita a ficha, o turno, a serie escolar, o numero da turma e a classificação da turma, de preferencia com letra de imprensa.
— a lapis — o nome da professora da turma.

H) — No final da ficha, no logar competente, a professora que a fez deverá assignal-a, bem como a Sra. Directora.

Art. 25 — As turmas devem ser numeradas a seguir, começando pela mais atrazada da 1.ª serie, independentemente dos turnos a que pertençam.

DA CLASSIFICAÇÃO DOS ALUMNOS

Art. 26 — Os Srs. Directores providenciarão para que os alumnos que faltaram ao exame de Dezembro de 1934, sejam submettidos no periodo de 11 a 14, a provas que os

habitem a julgar da oportunidade da promoção dos mesmos. Da mesma fórma deve proceder quanto aos alumnos que renovarem matricula.

Art. 27 — No periodo de 11 a 14 de Março os alumnos que confirmaram matricula, isto é, os antigos alumnos que se apresentaram á escola para frequencia, serão submettidos a *tests* de intelligencia para classificação pela velocidade de aproveitamento (V, X ou Y).

Art. 28 — No periodo de 15 a 21 de Março os alumnos novos da 1.ª serie que se forem apresentando para matricula serão submettidos a *tests* A. B. C.

Art. 29 — No dia 16 de Março, tendo em vista os resultados dos exames de Dezembro e dos *tests* de intelligencia applicados no periodo de 11 a 14 de Março, serão definitivamente organizadas as turmas dos antigos alumnos de 1, 2, 3, 4, e 5.ª series.

sultado dos *tests* A. B. C., deverão estar de-
Art. 30 — No dia 25 de Março, com o resultado dos testes ABC, deverão estar definitivamente organizadas as turmas dos alumnos da 1.ª série.

Do horario de funcionamento das escolas

Art. 31 — O horario de funcionamento das escolas elementares diurnas no periodo de matricula e durante o anno lectivo será o seguinte:

Escolas de	1º Turno	2º Turno	3º Turno
1 turno	10 ás 15		
(*)1 turno SP	7 1/2 ás 16 1/2		
2 turnos	7 1/2 ás 12	12 1/2 ás 17	
3 turnos	7 1/2 ás 10 1/2	10,50 ás 13,50	14,10 ás 17,10

(*) Horario especial para as escolas de organização Platoon.

Art. 32 — Desde o primeiro dia de matricula as escolas funcionarão de accôrdo com o horario acima estabelecido.

DA DISTRIBUIÇÃO DE FUNÇÕES DO CORPO DOCENTE DURANTE OS PERIODOS DE MATRICULA

Art. 33 — Para que o trabalho inicial do anno lectivo decorra sem prejuizo do funcionamento das aulas para os alumnos que se forem apresentando, os Srs. Superintendentes providenciarão para que em cada escola e dentro de cada turno, um terço dos professores fique incumbido do serviço de matricula e os outros se encarreguem de leccionar as turmas

de alumnos que já se acharem frequentando a escola.

Art. 34 — Um dos professores da escola ficará incumbido de encaminhar os alumnos ás salas de aulas, tratar com os paes ou responsáveis sobre a necessidade da frequência diária e immediata á escola, decidir as dúvidas que surgirem e que não dependam da intervenção da directora e encaminhar os candidatos ou responsáveis, indicando-lhes os locais em que se acham os professores encarregados da matricula, em summa, auxiliar a directora na regularidade do serviço de matricula e das aulas.

Art. 35 — Os Srs. Superintendentes, com antecedencia, providenciarão para que cada director reuna, se possível no dia primeiro de Março, os docentes da respectiva escola, afim de serem tomadas providencias relativas ao inicio do anno escolar e distribuição das salas que deverão servir para o acto de matricula, sendo de toda a conveniencia attribuir salas diversas para matricula das varias séries escolares.

DAS EPOCHAS DETERMINADAS PARA REMESSA DE INFORMAÇÕES

Art. 36 — De accôrdo com o determinado nos artigos anteriores, fica estabelecida a seguinte tabella para entrega de informações relativas ao trabalho inicial do anno lectivo.

Dia 7 a 9 de Março — As professoras incumbidas do serviço de confirmação de matricula entregarão, diariamente, á directora o resumo, por idade, sexo, dos alumnos que se apresentaram.

Dia 9 — A directora preparará o resumo do numero de alumnos que se apresentaram para confirmar a matricula.

Dia 11 a 14 — As professoras encarregadas do serviço de matricula de alumnos novos entregarão, diariamente á Sra. directora ou sub-directora, o resumo por idade e sexo dos alumnos que se inscreverem no systema escolar.

Dia 14 — Solemnidade do reinicio das aulas.

Dia 15 — Preparo pelas directoras das listas de alumnos excedentes (Modelo 2) e dos resumos estatísticos de matricula (Modelo 1).

Dia 16 — Organização das turmas dos alumnos que confirmaram matricula.

— Entrega pelas Sras. directoras, pela manhã, até o meio dia, ás sédes das superintendencias, em duplicatas, das listas de alumnos excedentes (Modelo 2) e dos resumos estatísticos de matricula (Modelo 1).

— Entrega á Divisão de Obrigatoriedade Escolar e Estatística pelos Srs. Superintendentes, após o meio dia, e até ás 18 horas, das primeiras vias das listas de alumnos excedentes e os resumos estatísticos de matricula.

Dia 21 — Entrega até ao meio dia pelas Sras. directoras ás superintendencias, em duplicata, dos resumos estatísticos (Modelo 1) dos alumnos novos das 2.^a, 3.^a, 4.^a e 5.^a séries e dos alumnos que renovaram matricula.

— Entrega dos Srs. superintendentes á Divisão de Obrigatoriedade Escolar e Estatística até ás 18 horas do mesmo dia, das primeiras vias dos referidos resumos.

Dia 25 — Entrega nessa data, pelos Srs. directores ás sédes das superintendencias, das fichas de contrôle (brancas-pequenas) dos alumnos, distribuidos pelas séries escolares e dentro destas pela ordem alfabética.

— Entrega nessa data pelos Srs. directores de duas vias das fichas das turmas que foram organizadas em suas escolas.

Dia 30 — Entrega á Divisão de Obrigatoriedade Escolar e Estatística, pelas superintendencias, das fichas de contrôle e das primeiras vias das fichas de turma, ambas distribuidas por escolas e séries escolares.

DA ORGANIZAÇÃO DOS SERVIÇOS DE MATRICULA NAS ESCOLAS E FUNCIONAMENTO INICIAL DAS AULAS

Art. 37 — Para facilidade do trabalho de matricula, que deve ser feito com rapidez, mas sem precipitação, pôde ser adoptada a seguinte organização de serviço.

A) — Dentro de cada turno:

a) — um terço do professorado ficará destinado ao serviço de matricula.

b) — dois terços do professorado ficarão com a incumbencia do funcionamento regular das aulas.

B) — Nos dias destinados á confirmação de matricula:

a) — cada professor incumbido do serviço de matricula deverá ter sobre a mesa, em ordem alfabética, as fichas dos alumnos das séries de que estiver incumbido.

q) — em relação a cada alumno o professor incumbido do serviço de matricula:

I — pedirá ao mesmo, ao pae ou ao responsável o cartão de matricula (verde) que lhe foi fornecido em Dezembro de 1934.

II — verificará si o alumno pertence á propria escola ou deve ser encaminhado a outra.

III — separará, em seguida, do grupo de fichas que tiver sobre a mesa, a que fôr do alumno.

IV — verificará si a residencia do alumno ainda é a mesma e, em caso contrario, escreverá abaixo do endereço já annotado, a nova residencia.

V — terminado esse trabalho a professora

collocará a ficha do alumno apresentado no grupo das fichas dos que já renovaram a matricula.

VI — ao alumno apresentado será então entregue o cartão de matricula (verde), depois do professor assignar seu nome sob o do Sr. director da escola.

VII — si o alumno não tiver apresentado o cartão de matricula, o professor escreverá em uma ficha de papel branco o nome, a serie escolar e o nivel de aproveitamento do alumno (de accôrdo com o que constar da ficha de matricula) assignará seu nome e a entregará ao alumno.

VIII — o alumno será, em seguida, encaminhado ao sub-director ou ao professor encarregado de indicar-lhe a sala em que deve permanecer.

c) — diariamente, cada professor, encarregado do serviço de matricula entregará ao sub-director ou ao director da escola:

I — as fichas dos alumnos que confirmaram a matricula.

II — um quadro, por idade e sexo, dos alumnos que confirmaram a matricula, afim de ser preparado um resumo que será entregue, por intermedio dos Srs. Superintendentes á Divisão de Obrigatoriedade Escolar e Estatística.

d) — quando o alumno que for confirmar a matricula tiver de ser transferido para outra escola, o professor encarregado do serviço de matricula far-lhe-á entrega da ficha de matricula.

e) — quando o alumno transferido de escola fôr confirmar a matricula na escola que tiver de frequentar em 1935, o professor encarregado do serviço de matricula deve:

I — exigir a apresentação da ficha de matricula;

II — examinar se a ficha de matricula está está perfeita e completa;

III — proceder de accôrdo com a letra «d» no que se adaptar ao caso.

C) — Terminado o periodo de confirmação de matricula o Sr. Director da escola verificará qual o numero de alumnos novos que poderá receber.

D) — Nos dias destinados á matricula de alumnos novos da primeira série:

a) — o terço dos professores incumbidos do serviço de matricula se distribuirá de forma a attender grupos de letras separadamente.

q) — cada professor encarregado do serviço de matricula deverá dispôr de numero sufficiente:

I — de cartões de matricula (verdes) em branco.

II — de fichas de matricula (brancas) em branco.

c) — apresentando-se o alumno novo o professor deve:

I — solicitar prova de idade, tendo em consideração, no entanto, o que estabelece o art. 13.

II — preencher os dados relativos á ficha de matricula de accôrdo com as informações do pae ou responsável.

III — preencher no verso da ficha de matricula unicamente os dados relativos ao anno lectivo e a serie escolar.

IV — solicitar que a pessoa que prestou as informações do numero II lance sua assignatura no local para esse fim destinado na ficha de matricula, ou declarar nesse local que a pessoa não sabe escrever.

V — o mesmo professor deve assignar a ficha de matricula.

VI — preencher o cartão de matricula (verde) entregal-o ao alumno ou á pessoa que acompanha a criança, afim de que essa o apresente ao professor encarregado de indicar a sala em que deve ficar a criança.

d) — diariamente cada professor entregará ao sub-director ou ao director:

I — as fichas dos alumnos novos que se matricularém.

II — um quadro discriminado por idade e sexo, dos alumnos novos que se matricularém, afim de ser organizado o resumo geral da escola.

E) — Terminado o periodo de matricula nova o director da escola verificará qual o numero de alumnos que ainda pôde ser accêito.

F) — No periodo de renovação de matricula esse trabalho será feito na secretaria da escola, procedendo-se na fórma da letra «d» deste artigo.

Art. 38 — Os professores que ficarem com exercicio nas classes devem proceder da seguinte fórma:

A) — Anotar diariamente, a partir de 7 Março, em papel almasso que servirá de folha de frequência provisoria, o comparecimento dos alumnos.

B) — Solicitar do alumno, no primeiro dia, o cartão de matricula (verde) ou a ficha de papel que o substitue provisoriamente.

C) — Verificar se o alumno é daquela turma e, em caso affirmativo, escrever immediatamente seu nome na lista de frequência provisoria.

Districto Federal, 13 de Fevereiro de 1935.

ANISIO SPINOLA TEIXEIRA

Prática da Escola Nova

Centro de interesse: A Primavera

(Trabalho de cooperação das professoras da escola Padre Antonio Vieira sob a orientação da directora).

Cenário magnífico nos oferece a natureza, que nessa época vaidosa se engalana, para nosso deslumbramento.

Ha em tudo grande alegria que se comunica a todos.

Manhãs luminosas e radiantes de beleza!

Estação dos risos, das flores e das crianças!

A natureza palpita polvilhando de ouro os campos e os bosques. Com tanto esplendor, serviu-nos a Primavera para centro de um trabalho de onde se irradiarão os conhecimentos necessários às crianças de nossa escola.

Observando, contemplando tudo que é belo, os alunos terão aí fonte abundante para a sua ilustração. Abordaremos as diferentes disciplinas do nosso programa, tomando-a sempre por motivo.

Em Linguagem, figurarão as descrições onde a criança revelará o seu entusiasmo pelas tardes e manhãs primaveris.

A idéa de Primavera, sugere-nos logo a idéa de flores e daí surgirão os varios exercicios.

As fabulas em que as flores simbolizam candura, pureza, serão ótimos exercicios de interpretação.

E que diremos das excursões que nessa quadra são tão aconselháveis para satisfazerem ao espirito exigente da criança ávida de saber?

Aproveitaremos os parques e jardins, então magníficos na sua vegetação e inebriantes pelo perfume das flores, espalhado por suave aragem. Em relatorios e cartas, as crianças anotarão os pontos mais interessantes.

Daí teremos campo aberto ao estudo das Ciências sociais.

Daremos conhecimento dos parques e jardins que ornão a nossa cidade, não nos esquecendo do Passeio Publico com suas arvores seculares, as antiquissimas pirâmides, a fonte dos jacarés (obra do artista nacional, Mestre Valentim); a praça da Republica com todo o seu historico; a Quinta da Boa Vista, com seus lagos e edificio central, outrora residencia do imperador, hoje Museu Nacional. Mencionaremos as estatuas aí existentes e os factos a elas relacionados. E os jardins suspensos da Rainha Semiramis, na Babilonia? A proposito falaremos dos jardins da antiguidade, fazendo um rapido estudo sobre os seus povos. Compararemos a Primavera com as demais estações do ano; acharemos diferenças e característicos proprios; duração dos dias e das noites; inicio e fim; desencontro nos hemisferios, etc...

A's ciências físicas ela fornece grande variedade de conhecimentos.

Considerando a flor como encanto máximo da Primavera, analisaremos o seu valor incontestado. Quem fabrica o netar de que tanto gostam os passarinhos? Cheias de viço, douradas de polen fecundante, as flores abrem as corolas multicores para a sua função importantíssima — a reprodução. Qual aí o intermediário? O inseto. Dentre as suas varias espécies salientaremos o papel das borboletas e abelhas.

Donde nos vem toda a beleza e fecundidade da Primavera? Do sol. Ao seu calor vicejam as plantas, adquirem as arvores o verdor adriavel que nos encanta (aparece aí o papel importante da clorófila).

Nessas arvores abrigam-se as aves que tão cubiçadas são pelos meninos. Donde vêm os ovos que constituem tão bom alimento? E as penas que nos aquecem e enfeitam? E o papel que elas representam nos nossos campos, livrando-os aos insetos daninhos?

Já sentiram, nas manhãs de Primavera, as auras tão puras e que nos trazem o perfume da vegetação fresca? Comparando-as, na sua suavidade, com os ventos, teremos campo para o seu estudo, suas causas, influencias, etc..

Nas artes applicadas, na Matematica, no desenho, na educação física, encontraremos também a Primavera em boas associações.

Pela sua beleza, quantos artistas não se têm inspirado compondo canções melodiosas de grande sutileza, e quadros tão elegres e sugestivos?

Si partirmos de uma observação bem cuidada, minuciosa, penetraremos no estudo desses varios conhecimentos por meio da associação. E para melhor eficiencia do ensino usaremos da concretização que tanto agrada e prende a atenção das crianças.

Aqui teremos a confecção de flores e frutos (modelagem); ali faremos os jardins e pequenas hortas; plantaremos arvores, mediremos as áreas e perimetros, organizaremos albuns e museus com insetos e vegetais uteis.

De acordo com esta organização poremos em prática o nosso plano, resultado da colaboração das professoras da escola — Padre Antonio Vieira.

Linguagem

OBSERVAÇÃO

Um dia primaveril; aspecto festivo da natureza; temperatura amena; brisas da primavera; vegetação; manifestação da vida das plantas; (seiva, desabrochar das flores); aspecto das arvores (côr da folhagem). As aves e os ninhos; as abelhas e o netar das flores; mel.

Vestuario apropriado.

Trabalhos proprios da estação.

Ilustrações, gravuras, representando varios aspectos da natureza, durante a estação.

ASSOCIAÇÃO

Inicio e duração da primavera. Apreciação das demais estações do ano nas diversas partes do mundo. Característicos de cada uma. Comparação com a mocidade — primavera da vida (sentido figurado).

Plantas e flores simbolicas: oliveira, loureiro, violetas (Parma) crisantemo e flor das cerejeiras (no Japão), tulipa (Holanda), edeveis (Alpes), miosotis (Alemanha), rosas (Persia). A dupla finalidade das flôres: (vida e morte) Flores naturais e artificiais. Chacaras: colheita, armazenagem, e transporte das flores. Mercados. Cidades onde o clima favorece a floricultura. (Petropolis, Teresopolis, Friburgo, Barbacena). Situação dos jardins da cidade. Monumentos-Parques. Visitas a jardins, chacaras, mercados, fabricas, museus.

Utilidade dos vegetais de grande porte (frutos, sombra, proteção, abrigo, às aves). Influencia da arvore na vida humana. Zelo e carinho dispensado pelo homem. A festa da arvore — (21 de Setembro).

Tecidos. Origem e preparo do algodão, do linho e da seda. O bicho da seda. Fabricas — O trabalho — O 1.º de Maio.

As profissões: agrimensor, agricultor, chacareiro, jardineiro, vendedores ambulantes, floristas.

Estação propicia ao plantio. Preparo da terra para a plantação. Mitologia. Cibele (deusa da terra). Flora (deusa das flores).

CONCRETIZAÇÃO

Trabalhos orais e escritos sobre os assentos abordados, em forma de composição, cartas, narrações, descrições, dialogos, relatorios. Organização de festivais. O trajecto das flores da zona produtora ao mercado. O album da classe: gravuras, recortes, fotografias, colecionadas pelos alunos.

Ornamentação da sala com cartazes, quadros e flores confeccionada na classe.

Coleção de amostras de tecidos usados na primavera. Plantio de um algodoeiro e preparo de um jardim, no terreno da escola.

Leitura oral e silenciosa de trechos, relatorios ao assunto. Recitação e interpretação de versos. Dramatização.

Ditado de trechos escolhidos.

Estudo do vocabulario.

Palavras derivadas de folhas, flor, etc..

Sinonimos-Antonimos. Paronimos e homonimos. Analise de trechos (Logica e gramatical) Verbos-Organização do livro de leitura da classe com trechos de prosa e versos e com ilustrações pelos alunos.

Matematica

OBSERVAÇÃO

A primavera, sua duração em meses e dias. As demais estações. A data do inicio e da

terminação da Primavera. A abundancia de flores nesta época do ano e seus preços reduzidos. Cravos de Friburgo e Teresopolis; hortencias de Petropolis; distancia relativamente grande entre essas cidades e o Rio; distâncias menores no jardim; entre canteiros e arbustos ou estacas.

Numero de petalas nas plantas monocotiledoneas (3, 6, 9, 12, etc.) e nas dicotiledoneas (5, 10, 15, etc.)

Visita a um jardim; observação das flores demais partes do vegetal, dos canteiros, das alamedas e dos lagos. Lugares que ocupam nos parques e cidades.

ASSOCIAÇÃO

O ano com 365 dias, parte pertencente á Primavera e parte ás demais estações. O numero exato de dias decorridos entre 22 de Setembro e 21 de Dezembro; o mesmo calculo para com datas diversas. A necessidade de operações aritmeticas para a perfeita avaliação.

A baixa de preço como consequencia da maior produção. O agricultor, o negociante, o comprador, suas transações.

Avaliação de distancias, pequenas e grandes: o metro, seus multiplos e sub-multiplos como medida de comprimento. A legua terrestre como medida usada no interior do Brasil para avaliação de grandes distancias, seu valor aproximado em metros. Teremos uma medida especial sobre as aguas?

A milha maritima e seu valor aproximado em metros.

A Primavera como parte ou fração do ano, os meses e os dias de Primavera como frações, frações de frações. A petala e a sepala como partes ou frações da corola e calice (frações ordinarias e decimais).

Alamedas de jardins direitas e sinuosas (linhas retas e curvas) As margens de uma alameda equidistantes em todo o percurso (Linhas paralelas). Posição normal de caules e raias relativamente ao solo e de folhas e flores relativamente aos galhos. (Linhas perpendiculares e obliquas). Os caules que se subdividem (Linhas convergentes e divergentes).

As junções dos galhos dos troncos e dos galhos entre si; a intersecção de folhas apostas (noção de angulos, sua medida, angulos complementares, suplementares e em torno de um ponto.)

Secção transversal do tronco; suas camadas circulares e concentricas. Disposição circular das partes da flôr (circunferencias concentricas e excentricas. Linhas de circunferencia: Formato de caule e galhos, frutos e sementes. (cilindro, cone e esfera). O cubo: faces, arestas, vertice. Piramides.

Diversas formas de canteiros; quadrados, retangulares, triangulares, etc.. Contorno de

canteiros com grama, pedrinhas, etc.; os jardins cercados.

CONCRETIZAÇÃO

Calculos praticos, mentais e escritos sobre o dobro, o triplo e quadruplo; a metade, a terça parte e a quarta parte.

Problemas sobre as quatro operações abrangendo quantias para avaliação de preço de venda, compra, gasto, lucro, prejuizo. Leitura escrita de frações ordinarias e decimais. A fração decimal: alterações decorrentes do avanço ou recuo da virgula.

As frações comparadas pratica e graficamente. Ordem crescente e decrescente. Frações homogeneas — Exercícios variados.

Medição praticamente. Emprego do metro. Problemas sobre conversões.

A linha reta marcada nos jardins, por meio de um barbante esticado, para o perfeito alinhamento de arbustos ou estacas.

As paralelas desenhadas ou reproduzidas no taboleiro de areia. A perpendicular obtida com fio de prumo.

Implantação de estacas no jardim, perpendiculares ao solo e paralelas entre si. As linhas em ornatos e desenhos decorativos. Ilustrações dos trabalhos escritos. Medição de ângulos; emprego do transferidor. Traçado da circunferencia no jardim com o auxilio de um barbante. As linhas da circunferencia. Circulo, sector, segmento, zona e coroa. Relação entre a circunferencia e o diametro.

Construção no jardim ou no taboleiro de areia, de canteiros ou pequenos lagos com a forma indicada.

Ornatos isolados, barras ou cercaduras realizadas com figuras geometricas, desenhadas ou recortadas.

Verificação pratica dos perimetros, no jardim e na sala de aula.

Problemas sobre avaliação de perimetros, custo de gradis, muros; avaliação do numero de estacas ou arbustos necessarios para cercar jardins, quintaes, terrenos.

Verificação pratica de pequenas areas. Avaliação de areas de jardins, campos, etc..

As medidas de capacidade e peso. Avaliação pratica. Exercícios e problemas varios.

Traçado da circunferencia no jardim de ficus, gradis, etc.. (Perimetro do retangulo, do quadrado, quadrilateros em geral).

Verificar onde são plantadas as flores nos canteiros. (Noção de superficie e sua avaliação: o metro quadrado, seus multiplos e sub-multiplos, denominações e abreviaturas, alqueires de terra).

As grandes culturas de flores; medidas usadas para as grandes superficies de cultura. Medidas agrarias: o aro, seus multiplos e sub-multiplos, denominações e abreviaturas. Relação convencional: um aro — 1m2. A colhei-

ta e venda de flores, sujeita a lucros, perdas, abatimentos, impostos. (Noção de percentagem e taxa).

As aguas existentes num lago (Como se medem os liquidos? Aos litros, meios litros, etc. (Noção das medidas de capacidade) Um litro d'agua será muito pesado? Medida de peso: o gramo, seus multiplos, sub-multiplos, etc.

CIENCIAS SOCIAIS

OBSERVAÇÃO

Estação das flores

Temperatura do ar

Aspecto festivo da natureza. O verde das folhas e o colorido das flôres.

As diferenças entre esse tempo e os outros do ano. Roupas leves, cores claras e alegres.

ASSOCIAÇÃO

A festa da primavera. O 21 de Setembro — inicio da estação. As outras estações —

Causa das estações — movimento de translação. Diferença entre a duração dos dias e das noites, nas diferentes estações. O calor e o frio. A sucessão dos dias e das noites. Razão dessa sucessão. Movimento de rotação.

Diferença de temperatura, na superficie do globo. As zonas — Climats — Influencia do clima nas produções.

A flora e a fauna brasileira. As produções características de cada região do Brasil. O fator economico determinando acontecimentos historicos. Primeira cultura no Brasil. Recurso do braço escravo. A escravidão indigena e a africana. Os colonos. A cubica holandeza. Os movimentos nativistas. A criação de gado, a par dos engenhos. O povoamento do interior do Brasil. A berreira natural da serra do mar. Centros de irradiação. — Baía — Pernambuco — S. Paulo. O desenvolvimento da região oriental. As bandeiras. Os grandes rios como vias naturais de penetração no interior. O ouro de Minas Gerais. A vinda de D. João. Abertura de Portos. Expansão comercial. Volta de D. João VI. — D. Pedro I. — 7 de Setembro — Grito do Ypiranga — 20 de Setembro — Lei Organica do Districto Federal. Organização das novas leis governamentais. D. Pedro II — Guerra do Paraguai.

A formação moderna dos Estados do Brasil. O desenvolvimento economico agricola e pastoril nas regiões. A abolição da escravatura e a Republica. Os ultimos tempos republicanos.

Comparação da temperatura no Rio de Janeiro com o norte e sul do país. A primavera nos diferentes Estados. Flores e frutos regionais.

CONCRETIZAÇÃO

Grafico demonstrando a duração das estações: Esquema das estações. Visitas a praças,

campos, Jardim Botanico e mercado de flores.

Grafico das diferentes produções do Brasil, nas diferentes regiões.

Grafico comparando as diversas temperaturas do Brasil.

Projeções cinematograficas. Album de fotografias de paisagens brasileiras.

Cartografia das regiões do Brasil e acidentes notaveis de cada uma delas.

Palestras — Questionarios.

CIENCIAS FISICAS E NATURAIS

OBSERVAÇÃO

Aspecto limpido do ceu na primavera. O sol. A temperatura da estação. A pureza do ar na primavera. A brisa refrescante, o ar espalhando o perfume das flores, A beleza da natureza. O aspecto dos campos. A vegetação: A cor verde das plantas. A formosura das flores, embelezando a paisagem. A harmonia das cores das petalas. Suavidade de sua fragrança.

Desenvolvimento intenso da vida animal. As borboletas: Busca do mel pelas abelhas; os ninhos nas arvores e o canto dos passaros.

ASSOCIAÇÃO

A cor do ceu de dia e de noite. Orgão que permite ao homem observar as cores: o o aparelho visual. Os outros orgãos dos sentidos Centro coordenador dos sentidos, o cérebro. O sistema nervoso. Observação dos astros: de dia o sol, á noite as estrelas. A lua. Porque o sol, a lua e as estrelas não cáem sobre a superficie da terra? Lei da gravitação universal. Corpos que abandonados não cáem sobre a terra. Influencia do fator distancia. Força atrativa. Gravidade. Pesos dos corpos e sua avaliação. Balanças — Alavancas. A Terra devendo sua vida ao sol. Fonte de calor natural. Calor, sua propagação: corpos bons e maus condutores. Dilatação. Metais, seus caracteres (minerais). Principais minérios do Brasil. As minas. O ferro e ouro. Conhecimento de alta e baixa temperatura. Termometros.

A primavera, fase propicia á agricultura. Desenvolvimento agricola no Brasil. Produtos agricolas: café, algodão, cana, arroz, mandioca e frutas.

Os primeiros seres vivos: as plantas. Plantas sem flores, as que dão flôr. Aquelas que produzem frutos: a semente. A vida nas sementes, em estado latente. A propagação das sementes pelo vento e pelos animais. Condições favoraveis á germinação. Produção artificial — enxertos. Multiplicação vegetativa. Adubos no crescimento dos vegetais. Renovação dos vegetais. Alimentação e respiração das plantas. A raiz: absorção. Seiva bruta. Papel importante da agua na formação da seiva. A transpiração e a sudação. A agua, sua constituição e papel como bebida natural. Be-

vidas estimulantes e alcoolicas. O alcool e seus grandes prejuizos. Campanha social contra o alcool. O verde das folhas — a clorofila. Separação pela clorofila, do oxigenio e anidrido carbonico, que estão juntos na atmosfera. Aproveitamento da energia da luz solar: transformações da seiva bruta em elaborada: fixação do carbono. A importancia do gaz carbonico, na vida das plantas. A purificação do ar pelas plantas. Constituição e propriedades do ar Atmosferico: pressão atmosferica — Barometros. Influencia do ar puro na vida do homem. Aparelho respiratorio do homem. Os pulmões. A passagem do sangue pelos pulmões. A circulação do sangue. Aparelho circulatorio e digestivo. Alimentos. Primeiro alimento dado ao homem: o leite. Perigos da amamentação artificial.

A cultura das flores. Os insetos: as borboletas, as abelhas produzindo o mel e a cera colhidos no calice das flores. O beija-flor. A vida das aves e suas características. Vertebrados. Comparação das aves com os demais vertebrados. O meio ambiente de cada um. Animais que vivem no ar, na terra e na agua. A vida dos animais aquaticos. Equilibrio dos corpos imersos e flutuantes.

CONCRETIZAÇÃO

Desenho dos orgãos dos sentidos. Desenho e construção de pequenas balanças de varios tipos. Verificar, num termometro, a temperatura do ar. Imitação de um termometro. Amostras de minerais.

O quadro estatistico da produção agricola do Brasil

Construção em massa plastica do fruto, da semente e do embrião. Plantação de feijão ou milho, para observar a germinação. Praticar em plantas os processos artificiais de multiplicação vegetativa, fazendo diversos enxertos, etc. Aplicação de adubos em canteiros, pelo proprio aluno.

Excursão ao Jardim Botanico.

Experiencias provando a transpiração. Verificação feita numa planta creada na sombra. Seleção de folhas, formas apresentadas.

Esquema dos aparelhos: respiratorios, circulatorio e digestivo; desenho dos seus principais orgãos.

DESENHO

OBSERVAÇÃO

Aspectos diversos dos jardins e parques, durante o ano. apreciar a beleza da época mais alegre de todas: a primavera.

Conteiros cheios de flores.

ASSOCIAÇÃO

As arvores copadas, folhas novas, oferecendo sombra hospitalar ao viandante. Jardins cheios de flores das mais variadas cores; mais tarde são os frutos que mudam o aspecto da paisagem ou as arvores despidas. As outras estações. O alinhamento das arvores nas alamedas. Noção de retas e paralelas.

Colorido das flores — estudo das cores primarias e secundarias. Flores e folhas da mesma cor, mas de tons diferentes: estudo das nuances. Os vendedores de flores. O mercados.

TRABALHOS MANUAIS

Bordados, peças de sala de jantar, etc., com disposição de flores e folhas. Vista de uma tarde primaveril aplicada em almofada pintada a óleo confecção de cestas, etc.

Estudo da pintura a aquarela e a óleo. Principios de tecelagens.

EDUCAÇÃO FISICA

Danças regionais como: primavera — violetas, etc..

MUSICA

Efeitos orfeonicos: fecundidade do sol, da uberidade da terra, etc..

DESENHO CONCRETIZAÇÃO

Desenho espontaneo de imaginação e de memoria — um dia primaveril; um dia de verão, de outono e de inverno. Desenhos de figuras representando as estações, de arvores numa rua.

Bordados: peças de sala de jantar, quarto etc., com disposições de flores e folhas.

Vista de uma tarde primaveril aplicada em almofada a óleo — Confeções de cestas.

Livraria F. Briguiet & Cia.

(FUNDADA EM 1. DE JANEIRO DE 1893)

RUA SÃO JOSÉ, 38 — RIO DE JANEIRO

Telephone 23-0435 — CAIXA N. 458 — End. Teleg. LIBRIGUIET

Grande e escolhido stock de livros nacionaes e estrangeiros.

Edições seleccionadas e de boa apresentação.

Recepção constante de novidades pelo correio.

Relações directas com todos os grandes editores.

Instalação moderna, muito pratica para o publico.

Pessoel idoneo e serviços bem organizados.

DIRIJAM-SE A ELLA E SERÃO SEMPRE SATISFEITOS.

Digestão e nutrição

O aparelho digestivo é dos que mais trabalham no organismo, pois sendo obrigado a receber as substancias de toda a natureza que compõem os nossos alimentos, tem de transformal-as fornecendo tudo que carece o corpo humano.

Quando o estomago ou o figado funciona mal logo o intestino se resente, isto é, quando sentimos a digestão pesada ou azia frequente, podemos contar com o desarranjo intestinal, a figura saburrosa ou a prisão de ventre.

Estes estudos produzem as enxaquecas, o peso na cabeça, a intoxicação, a insomnia, etc., etc.

Aparelho digestivo que se encontra nessas condições, não aproveita, não assimila os alimentos.

Os infelizes dyspepticos sem poderem comer sinão alimentos muito leves, arrotando, cheios de gazes ou de aztas, somnolentos, cansados sem poderem trabalhar, com tonteiras após as refeições, com

dores de cabeça e desanimo geral, são pessoas que amanhecem mal, com um gosto terrivel na boca e a cabeça pesada, passam o dia cheios de máo humor e vendo a vida somente pelo lado máo, pessimista e neurasthenicos.

Paptol é um especifico desses estados dyspepticos por conter *pepizina em estado integral*.

Peptol é um tonico nutriente, levando ao organismo debilitado o phosforo organico, alimento do systema nervoso e o calcio que é o principal factor do systema osseo.

Peptol é o reconstituente ideal dos debilitados porque offerece ao organismo a molecula dos elementos principaes da cellula viva: o phosforo, o calcio e o sodio. Em resumo, Peptol, corrigindo os desvios da digestão, activando o appetite e a assimilação dos alimentos, estimulando a circulação e o systema nervoso, activa todas as funcções organicas.

“A ESCOLA PRIMARIA”

De conformidade com o acordo estabelecido entre a Diretoria de Educação e a Administração desta revista, todos os diretores de grupos escolares, escolas primarias e cursos populares noturnos receberão um exemplar de cada numero d'«A Escola Primaria», o qual deverão conservar na «Biblioteca Escolar», como propriedade do estabelecimento que dirigem.

N. da Red.

ESCOLA REMINGTON — Rua 7 de Setembro, 59

Ensina: Linguas. Dactylographia, Tachygraphia, Escripção Mercantil e Mathematica. Matriculas abertas em qualquer — dia util —

COLLEÇÃO DO ANNO 1933-34

d'A Escola Primaria

Forma um volume de perto de 300 paginas. Conferencias pedagogicas. Artigos doutrinarios. Interessantes trabalhos sobre a Escola Activa. Lições e exercicios praticos que constituem excellente guia para o professor.

PREÇO { encadernada :..... 16\$000
em avulsos 12\$000

Dirigir os pedidos á Redacção d'A ESCOLA PRIMARIA

Rua 7 de Setembro, 174

RIO DE JANEIRO

A Equitativa

SEGUROS DE VIDA

Avenida Rio Branco, 125

Compre muito gastando pouco

APROVEITE A

Excepcional Liquidação

DO

Parc Royal

A MAIOR E MELHOR CASA DO BRASIL

Vendas a prazo pela "A Compensadora"

Matriz:

CASA MATTOS

Filial:

R. Ramalho Ortigão, 24

R. Mariz e Burros, 188-A

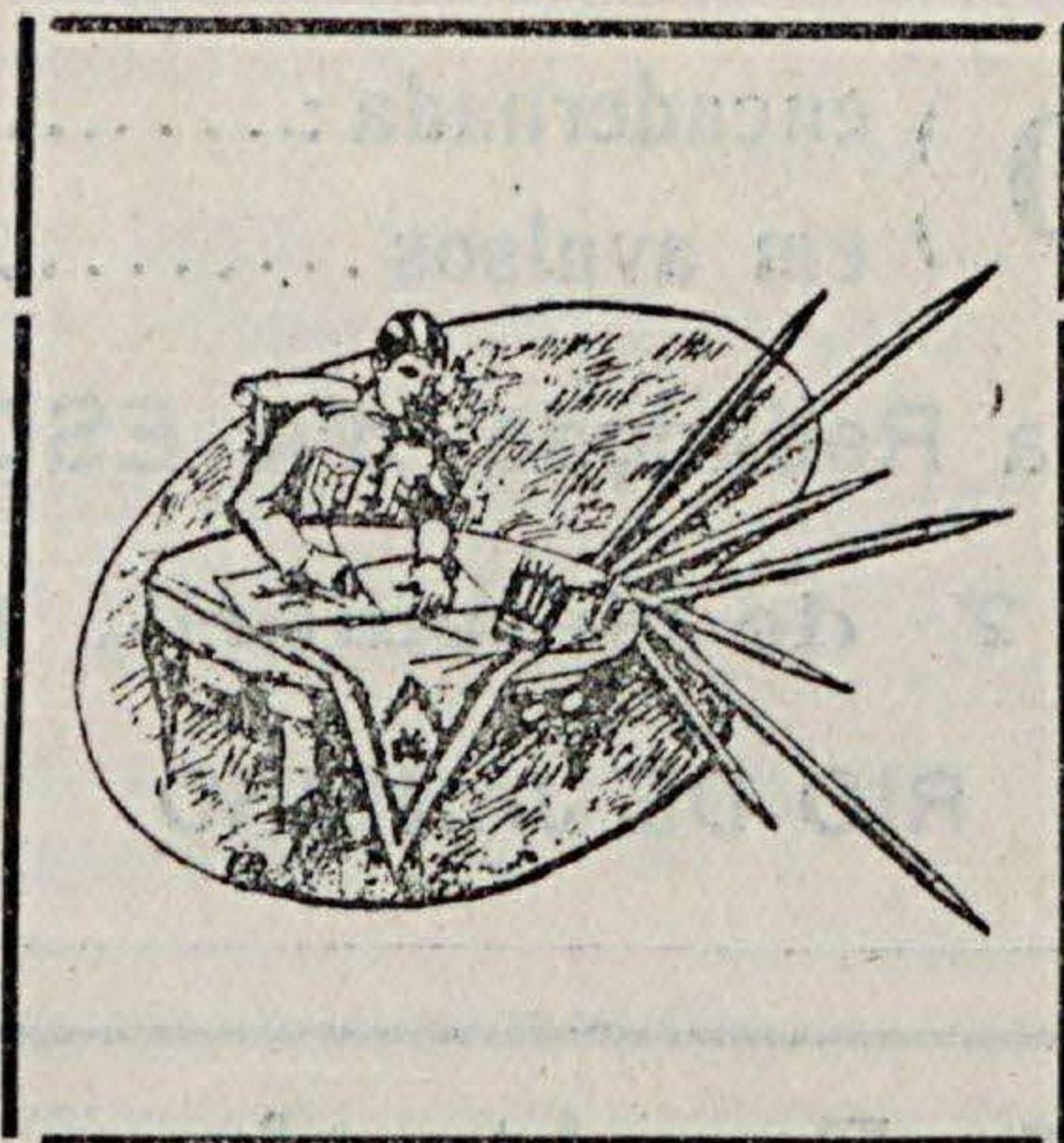
TELS. } 22-3552
 } 22-3553

FERREIRA DE MATTOS & CIA.

TELS. } 28-0722
 } 28-7892

Grande e variado sortimento de artigos de
PAPELARIA — LIVRARIA — PINTURA E DESENHO

Os distintos Estudantes
encontrarão sempre na
CASA MATTOS os arti-
gos de melhores qualida-
des por preços sem com-
— petidores —



Préfram sempre as nossas
afamadas marcas:
"ACADEMICO", "FER-
RARTE" e "INFANTIL".
Cadernos "EDUCATIVO"
com mappas do Brasil e
— Planisferio. —

SÃO OS MELHORES EM QUALIDADE E PREÇOS

Casa Orlando Rangel

DROGARIA E
PERFUMARIA

Rangel Costa & Cia.

Grande deposito de drogas, productos quimicos, especialidades farmaceuticas e
e perfumarias, nacionaes e estrangeiras

83, Rua Republica do Perú, 83 — Rio de Janeiro

A que mais barato vende perfumarias

A sua casa propria

V. S. pôde obtel-a pelo nosso Plano Novo de construcção,
com as maiores garantias de Arte, Solidez e Commodity.

PORQUE

- converteremos simples inquilinos em proprietarios;
- construimos directamente com nossos operarios;
- dispomos de peritos em construcção;
- construimos com ARTE E SOLIDEZ;
- a garantia do cliente é a garantia do nosso capital;
- a nossa organização financeira permite reduzir o custo da construcção;
- vendemos pelo prazo que convier ao cliente;
- as mensalidades equivalem a um aluguel, dependendo do prazo estabelecido;
- a nossa responsabilidade não termina com a entrega da casa; subsiste por muitos annos;
- ajudamos a cancelar a divida antes do prazo estipulado.

«LAR BRASILEIRO» constróe em terreno de propriedade do comprador da casa, desde que esteja situado em logar dotado de boas communicações e serviços publicos. O valor do terreno é computado na entrada inicial de 20 %.

“LAR BRASILEIRO”

— ASSOCIAÇÃO DE CREDITO HYPOTHECARIO —
RUA DO OUVIDOR, 90
RIO DE JANEIRO

Assistencia Dentaria Escolar

Chamamos a attenção dos senhores dentistas escolares para o
grande sortimento de artigos dentarios. que a CASA CIRIO
offerece em optimas condições

Ouvidor 183 — Phones, 22-9249 e 22-9446

ELITE HOTEL

Cambuquira

O que mais conforto offerece
aos senhores veranistas

A melhor de todas as estancias
hydro-mineraes do Brasil

Rivalisa com os mais modernos hoteis do
Rio e São Paulo

Apartamentos luxuosamente mobiliados

*Em todas as peças do edificio predominam a
elegancia e bom gosto*

Para mais informações dirigir-se ao proprietario:

JULIO DE ANDRADE LEMOS

Avenida, 13 - Telephone, 29 - Caixa Postal, 7

CAMBUQUIRA



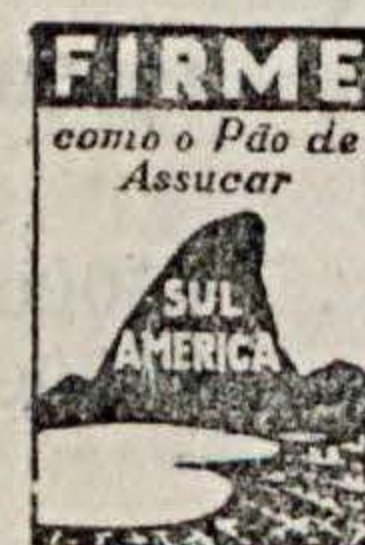
Sim, agora

*o Snr. pôde comprar um novo par de sapatos
para seu garoto...*

MAS isto não é nada... Muito mais importante vae ser a educação de seu filho, daqui seis ou sete annos, quando elle começar os preparatorios. Si seu filho puder contar com o Snr., elle se formará na carreira que o attrahe. Mas, ai delle si o Snr. vier a desaparecer, de repente, e não lhe deixar meios de poder continuar os estudos...

Quaes são os seus recursos? Já pensou no risco que seu filho correrá si o Snr. vier a faltar de um momento para outro? Porque não faz um se-

guro de vida para garantir a educação de seu herdeiro? Não julgue que é difficil e caro. Ha planos de seguros para todos os bolsos. A Sul America dispõe de um plano especialmente vantajoso para os paes que desejam deixar garantida a educação dos filhos. Este plano offerece-lhe uma grande vantagem: o Snr. mesmo pôde deixar estipulada a fórmula pela qual a Sul America deverá pagar o valor do seguro a seu filho. Mediante este plano, não ha perigo de vir arruinar-se em negocios arriscados o peculio que o Snr. formou com o fim especial de servir á educação de seu herdeiro.



Si isto não lhe interessa,
interessa a sua esposa!

Possivelmente o Sr. não tem tempo de estudar calmamente as vantagens que o seguro acima lhe offerece... Mas não importa, porque sua esposa poderá estudar-as... Trata-se do futuro de seu filho, e ella, por certo, sentirá até prazer em conhecer o que um seguro pôde fazer para seu filho. Preencha o coupon ao lado, e ponha-o no correic hoje mesmo.

Sul America

Companhia Nacional de Seguros de Vida

A' SUL AMERICA

CAIXA POSTAL 971 - RIO DE JANEIRO

R-2-

Desejo receber - sem obrigação de minha parte - o folheto explicativo do plano de seguros de "liquidação parcelada".

Nome

Rua

Cidade

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

S. PAULO

BELLO HORIZONTE

Rua do Ouvidor, 166 — Rua Libero Badaró, 49, A — Rua da Bahia, 1052

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

HILARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional.....	\$600
2. Livro de Leitura.....	1\$000
3. Livro de Leitura.....	1\$000
4. Livro de Leitura.....	1\$000

THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia.....	\$600
2. Livro de Leitura.....	1\$500
3. Livro de Leitura.....	2\$500

EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

1. Livro de Leitura.....	2\$000
2. Livro de Leitura.....	2\$500
3. Livro de Leitura.....	3\$000
4. Livro de Leitura.....	4\$000
5. Livro de Leitura.....	4\$000

SERIE PUIGGARI-BARRETO

1. Livro de Leitura.....	2\$500
2. Livro de Leitura.....	3\$000
3. Livro de Leitura.....	3\$000
4. Livro de Leitura.....	2\$500

ARNALDO BARRETO

Cartilha das Mães.....	1\$000
Cartilha Analitica.....	1\$800
Primeiras Leituras.....	2\$000
Leituras Moraes.....	2\$000

FRANCISCO VIANNA

Primeiros Passos na Leitura...	1\$500
Cartilha.....	2\$000
Leitura preparatoria.....	2\$500
1. Livro de Leitura.....	2\$500
2. Livro de Leitura.....	3\$000
3. Livro de Leitura.....	3\$000
4. Livro de Leitura.....	4\$000

JOÃO KOPKE

1.º Livro de Leitura.....	2\$000
2.º Livro de Leitura.....	2\$500
3.º Livro de Leitura.....	2\$500
4.º Livro de Leitura.....	3\$500
Leitura Praticas.....	2\$000
Fabulas (em verso).....	1\$500

D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura Intermediaria.....	2\$000
Leitura para o 2.º anno.....	2\$500
Leitura para o 3.º anno.....	2\$500
Leitura para o 4.º anno.....	3\$000

D. RITA DE MACEDO BARRETO

Leituras Preparatorias.....	2\$500
1. Livro de Leitura.....	2\$500
2. Livro de Leitura.....	3\$000
3. Livro de Leitura.....	3\$000
4. Livro de Leitura.....	3\$500

JOÃO RIBEIRO

Autores Contemporaneos.....	5\$000
Selecta Classica.....	6\$000

ASSIS CINTRA

Pequenas Historias.....	2\$500
-------------------------	--------

O. BILAC e M. BOMFIM

Atravez do Brasil.....	4\$500
Leitura complementar.....	4\$000
Livro de composição.....	4\$000

CARMEN GILL

Instrucção Civica.....	4\$000
------------------------	--------

ALTINA DE FREITAS

Cartilha.....	2\$000
---------------	--------

ANNA CINTRA

Ensino Completo de Leitura...	1\$500
-------------------------------	--------

A. JOVIANO

Primeira Leitura (para crianças)	2\$000
Primeira Leitura (para adultos).	2\$000
Lingua Patria—1.º Livro.....	4\$000
« « —2.º Livro.....	5\$000
« « 3.º Livro.....	5\$000

MARIA DO CARMO P. NEVES

Exercicios de Linguagem — (1., 2.º e 3.º annos).....	3\$000
Exercicios de Linguagem—(4.º e 5.º annos).....	3\$000
Exercicios de Linguagem—(6.º e 7.º annos).....	4\$000

MANOEL BOMFIM

Primeiras Saudades.....	4\$000
Creanças e Homens.....	3\$000

E. DE AMICIS

Coração.....	4\$000
--------------	--------

AFRANIO PEIXOTO

Minha Terra e Minha Gente...	4\$000
------------------------------	--------

BILAC e C. NETTO

Contos Patrios.....	3\$500
Patria Brasileira.....	3\$500
Theatro Infantil.....	2\$500

ALBERTO DE OLIVEIRA

Céo, Terra e Mar.....	4\$500
-----------------------	--------

Remettemos nosso catalogo gratis para todo Brasil